

**AMANDA CAROLINA CHAVES DE SOUZA**

**RAINBOW YOUTUBE: UMA ANÁLISE DE CANAIS  
LGBT BRASILEIROS**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Carla Isabel Agostinho Martins**

**Coorientador: Prof. Doutor Daniel dos Santos Cardoso**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2018**

**AMANDA CAROLINA CHAVES DE SOUZA**

# **RAINBOW YOUTUBE: UMA ANÁLISE DE CANAIS LGBT BRASILEIROS**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 22/05/2019, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 95/2019 de 29 de março, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Jorge Correia Jesuíno (ULHT)

Arguente: Prof. Doutor Jorge Manuel Martins Rosa (FCSH)

Orientador: Prof<sup>a</sup> Doutora Carla Isabel Agostinho Martins (ULHT)

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2018**

*Eventualmente  
aqueles que tentaram  
arrancar as nossas asas  
é que vão ficar paralisados  
quando notarem que foi isso  
que nos fez descobrir  
que há muitas maneiras  
de voar.*

(Ryane Leão)

Dedico esta Tese às mulheres da minha vida:

*Maria Salete Evangelista (in memoriam) e a Cícera  
Regina Chaves e Alves.*

## AGRADECIMENTOS

Como diz Maria Bethânia: “*Agradecer. Ter o que agradecer. Louvar e abraçar*”.

Sou grata, primeiramente, a minha Fé e aos que me guiam espiritualmente. Agradeço a minha Mãe e ao meu Padrasto por tornarem este sonho possível e confiarem, em mim, todos os seus esforços e orgulho. Por superarem toda distância e dificuldade existente para que eu aqui estivesse, hoje, escrevendo este texto. Serei eternamente grata a este amor incondicional. Agradeço a minha avó (*in memoriam*) e ao meu avô, pela confiança, direcionamento e benção, nunca falhada, em nenhum momento da minha vida. Agradeço, também, ainda do outro lado do Oceano, a minha amiga e irmã de coração, Isadora Cecília Marchetti por toda a força e impulsionamento, que me fizeram crer que tudo isso era possível e de que eu era mais que capaz de realizar este trabalho. A todos os amigos que estão no Brasil: meu muito obrigada por acreditarem em mim.

Já aqui, meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Doutora Carla Isabel Agostinho Martins e ao meu coorientador Prof. Doutor Daniel dos Santos Cardoso, que muito além de me direcionarem academicamente, com muita paciência e dedicação, também estiveram compadecidos e me auxiliaram nos momentos de intensa ansiedade e desespero. Obrigada, também, a todo o núcleo de professores que participaram desta minha formação acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de turma: Álvaro Fernandes e Antonela Cipic, meus fiéis companheiros de grupos de trabalhos; Joana Reis, por todo o carinho de sempre; Mariana Alves, em especial, por todo auxílio, esclarecimento e amizade; Sara Caldeira pelo carinho e momentos de descontração; e a Sueli Fortes, quem dividiu comigo momentos de pânico e ao mesmo tempo de soluções de problemas. Sou muito grata por ter tido o privilégio de caminhar, esses dois anos com vocês, dividindo muitas angústias e superações. Aos meus amigos aqui de Portugal: muito obrigada por todo carinho, força e paciência.

Agradeço a Naára Saturnino por todo amor dedicado e companheirismo de sempre, quem esteve o mais perto de mim em todos os momentos vividos nesta caminhada.

**RESUMO:** Num contexto em que o espaço público é governado, predominantemente, pela heteronormatividade, trabalhar com questões LGBT e a sua crescente amplitude no ambiente *online* traz, aos tempos atuais, grande relevância e interesse social. Este é o tema e o enfoque da presente dissertação. Com base numa prévia contextualização histórica e conceitual, é estruturada e realizada uma análise empírica que tem como amostra três canais LGBT brasileiros disponíveis através do YouTube. Foram avaliados nove vídeos na tentativa de perceber as estratégias de comunicação e as representações do “universo arco-íris” no ciberespaço.

**Palavras-chaves:** LGBT; ciberespaço; esfera pública; *YouTube*.

**ABSTRACT:** In a context in which public space is predominantly governed by heteronormativity, workin with LGBT issues and its increasing breadth on online environment brings, to the presente times, great relevance and social interest. This is the thame and focus of this dissertation. Based on a previous historical and conceptual contextualizacion, na empirical analysis is structured and written about three Brazilian LGBT *YouTube* channels. Nine videos were evaluated in an attempt to perceive and summom communication strategies and representations of the LGBT universe in cyberspace.

**Keys word:** LGBT; cyberspace; public sphere; *YouTube*.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – Um panorama histórico e conceitual sobre a homossexualidade.....</b>	<b>11</b>
1.1 - Natureza <i>versus</i> cultura: uma visão sobre sexo, gênero e orientação sexual.....	11
1.2 – Apontamentos cronológicos mundiais da história da homossexualidade.....	16
<b>CAPÍTULO II – Historiografia brasileira sobre o movimento GLBT/LGBT.....</b>	<b>20</b>
2.1 – As sete principais conquistas LGBT brasileiras nos últimos vinte anos.....	26
2.2 – Sobre o termo LGBT.....	28
2.3 – A luta brasileira contra a homofobia.....	30
<b>CAPÍTULO III - A reciprocidade das redes: este lado da tela <i>versus</i> o outro lado da tela.....</b>	<b>32</b>
3.1 A esfera pública e o ciberespaço –.....	32
3.2 As minorias sexuais e seu relacionamento/posicionamento frente à Internet.....	35
3.3 – O <i>YouTube</i> : <i>Youtubers</i> enquanto formadores de opinião.....	37
<b>CAPÍTULO IV – Análise metodológica.....</b>	<b>41</b>
4.1 - Abordagem metodológica.....	41
4.2 – Grelha de análise e coleta de informações dos vídeos selecionados.....	46
4.3 – Resultados.....	47
4.3.1 – Descrição.....	47
4.3.2 – Discussão.....	65
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

As motivações para escrever esta Tese de Mestrado baseiam-se na relevância do assunto LGBT, no Brasil, país estudado para se concretizar este trabalho. Infelizmente, o Brasil é o país com a maior taxa de “LGBTfobia”, dado apontado pelo site do Grupo Gay da Bahia (2017), a associação brasileira mais antiga e que ainda continua ativa. A cada 19 horas, um LGBT é morto ou se suicida vítima do preconceito que envolve sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. O objetivo da dissertação é analisar representações deste universo em canais LGBT brasileiros do YouTube.

O uso da internet, atualmente, é indispensável para qualquer tipo de organização da sociedade civil. E, na medida em que este fenômeno se amplia e as ferramentas da comunicação digital evoluem, estudiosos dedicam-se a compreendê-las e a entender seu papel no meio social. Pressupondo a importância das novas tecnologias de informação e comunicação, especificamente da internet, sobre os assuntos que giram em torno do universo LGBT, esta tese tem como objetivo responder ao seguinte questionamento: dentro do conceito de esfera pública e ciberespaço e mediante a amostra selecionada para o estudo, de que forma os *Youtubers* tratam, em seus vídeos, a formação e informação sobre o universo LGBT, no Brasil? A resposta para esta pergunta confirma o quão influente o meio digital se transformou para a discussão de assuntos sociais. Temas pouco abordados, ou não tão aprofundados, conseguem um maior espaço no ambiente *online*. Ainda que haja alguns tipos de censuras, relativas a temas ou mesmo linguagem utilizada, a abordagem e discussão de pautas são melhores aceitas e mais fluídas, quando postas na Web, especificamente, no *YouTube*. O *youtuber* consegue, de forma mais direcionada, direta e particular, debater questões e desabafar relatos, o que torna este meio mais íntimo na relação *youtuber* e espectador.

A Tese foi estruturada em dois momentos: teórico e prático. No primeiro, trabalhamos numa ambientação de fundamentos gradativos até chegarmos ao grande foco desta pesquisa. Uma cronologia da história da homossexualidade mundial foi traçada e junto dela conceitos foram esclarecidos. Relatamos, também, os principais pontos da história LGBT brasileira, até chegarmos ao momento atual. Depois, interligamos toda a história contada até o momento, com o grande objeto desta tese que é: o estudo de um meio de comunicação *online*, o *YouTube*. Na segunda parte é o momento em que toda a teoria é trabalhada de forma

comprovativa. Analisamos os três principais canais do YouTube e uma seleção de seus vídeos de maiores nomes e influências, no Brasil, para o segmento LGBT.

Acompanhamos, nos dias atuais, a capacidade que as redes sociais (*online*) têm de desestabilizar alguns grupos (*offline*) da sociedade, os quais têm o poder de influenciar, dominar e comandar a vontade e a escolha de outros demais grupos, de maneira que o novo contexto da cultura digital questiona e desloca as relações de poder constituídas (CASTELLS, 2013). De forma satisfatória, a medida em que criam novos espaços de possibilidade de ação democrática e cidadã, os atuais usos das redes sociais também promovem o empoderamento dos cidadãos, uma vez em que os desprovidos de poder se fortalecem, ganhando autoridade sobre os seus assuntos pessoais. Isto é, obtêm a capacidade para acessar informações e recursos, conquistam habilidades de articular suas próprias histórias, influenciam os problemas políticos que lhe dizem respeito, alargam a confiança e a autonomia para fazer escolhas livre e significativas, traduzindo-as em forma de ações e resultados que afetam suas vidas e a da comunidade em que vivem (FORTUNATI, 2014).

Analisamos três canais LGBT de maior público, no Brasil, dos quais extraímos de cada um os três vídeos mais acessados transmitidos entre abril de 2017 e abril de 2018. Esta seleção feita tem como objetivo analisar e responder a seguinte questão: a partir do que é tido como esfera pública e ciberespaço e mediante à amostra selecionada para o estudo, de que forma os *youtubers* tratam, em seus vídeos, a formação e informação sobre o universo LGBT, no Brasil?

## **CAPÍTULO I – Um panorama histórico e conceitual sobre a homossexualidade**

A história da homossexualidade<sup>1</sup> vem sendo construída desde os primórdios da existência humana, uma vez já questionada, e ainda em debate, por visões: religiosas, científicas/biológicas, culturais, sociais, econômicas, psicológicas e psiquiátricas. O intuito desta tese não é o de tomar partido ativista ou comprobatório sobre qual teoria é a mais aceitável, mas, sim, valer-se do respeito e de comprovações históricas para atingirmos o objetivo final.

A grande discussão, mais intensificada, ainda, neste período da história contemporânea, do século XXI, por questões históricas, sociais, religiosas, filosóficas e, até mesmo, econômicas gira em torno do tema “Homossexualidade e Gênero”. O termo “homossexual”, utilizado durante esta contextualização, foi empregado para a maior compreensão, ainda que erroneamente, visto que o termo só foi mesmo intitulado no século XIX, no discurso médico (FOUCAULT, 1984: 43). Por diversos fatores contribuintes e que serão discutidos no decorrer desta tese, partimos do ponto do primeiro questionamento: nasce-se homossexual ou torna-se?

### **1.1. Natureza versus cultura: uma visão sobre sexo, gênero e orientação sexual**

Uma das discussões que giram em torno deste assunto é: o que é tido como natureza e o que é considerado cultura.

Consideramos como natureza o conjunto de todas as coisas que existem em estado bruto, ou seja, independentemente da interferência humana. Uma vez que não foram os seres humanos que construíram as florestas, os rios, os minerais, as estrelas, entre outros. Todas essas coisas já existiam antes do surgimento do primeiro humano e poderão continuar a existir após o seu desaparecimento. O ser humano, porém, destaca-se dos demais primatas, justamente, pela capacidade de modificar a natureza. Não se limita a aceitar aquilo que é dado, mas age no sentido de modificar o seu entorno. Sendo assim, definimos a cultura como o conjunto de tudo aquilo que o homem constrói alterando a natureza. Inclui-se no conceito, não apenas objetos materiais, mas também o que é espiritual, comportamentos, crenças e

---

<sup>1</sup> O termo “homossexual”, utilizado durante esta contextualização, foi empregado para a maior compreensão, ainda que erroneamente, visto que o termo só foi mesmo intitulado no século XIX, no discurso médico.

manifestações artísticas. Os bens culturais, diferentemente dos naturais, não existem sem a participação humana. Ao contrário, é imprescindível que o ser humano aja para que se produza a cultura. (BETIOLI, 2011: 147)

Depois desta definição esquemática de natureza *versus* cultura, aprofundamos a discussão, no que diz respeito ao tema desta tese. Utilizando-se do que foi dito acima, olhamos para as seguintes terminologias: sexo, orientação sexual e gênero. O trajeto da sexualidade, as formas de práticas sexuais, os modelos de relacionamentos e as estruturas familiares passam por transformações consideráveis nos últimos 50 anos. Gradativamente, os indivíduos sentem-se encorajados a escolher como viver, de forma livre, a sua sexualidade, o tipo de relação ou de família que desejam construir. Temas como: a transexualidades, as sexualidades *queer*, as famílias mono, multi e homoparentais invadem a cena contemporânea e trazem uma série de questões sobre as novas relações de sexo e de gênero, os lugares do homem e da mulher na sociedade e na família, mas, sobretudo, a divisão binária da sexualidade. Todos estes novos arranjos da sexualidade e da família, dos últimos anos, faz com o que os modelos binários e hierárquicos de diferença sexual sejam tidos como insuficientes, uma vez que não conseguem abranger os entendimentos, a postura e o acolhimento das subjetividades e identidades contemporâneas.

Seguindo o pressuposto foucaultiano de historicidade da subjetividade e dos discursos (FOUCAULT, 1969, 1979, 1983), percebe-se que o modelo do binarismo sexual é apenas um entre os demais possíveis para a compreensão das formas de subjetivação atuais, complexas e diversas. Ideias novas, teorias e reflexões são necessárias para a compreensão do ser humano e de toda discussão e descobrimento. No livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2015, 8ª Ed.), Judith Butler, consolidadora da teoria *queer*<sup>2</sup>, argumenta que a categoria de sexo, tida no imaginário social como natural e histórica, é apenas uma construção social. Para chegar a este argumento, ela realizou uma crítica ao conceito de gênero, fundamentado por algumas teóricas feministas, tido como inovador e libertário. A crítica de Butler é em relação a formulação de que “a anatomia é o destino”. Um exemplo dessas autoras é Simone de Beauvoir que, em seu livro *O Segundo Sexo* (1949),

---

<sup>2</sup> A “Teoria *queer*” foi consolidada por Judith Butler, nos anos 90, em seu livro *Problemas de Gênero* (“*Gender Trouble*”). Esse fruto deriva-se de um seminário que carregava o nome “*Queer*”, feito nos anos 80, por Teresa de Lauretis.

deu luz à seguinte frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Nesta afirmação, Beauvoir alega que o sexo não causa o gênero, que o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo. Sendo assim, pertencer a um determinado sexo não significaria tornar-se, imediatamente, de um gênero correspondente, uma vez que a categoria de mulher não é, necessariamente, a construção cultural do corpo feminino, da mesma forma que o homem não é o corpo masculino. Longe disso, o gênero, na qualidade de construção variável do sexo, não se limitaria ao binarismo do sexo. Existem amplas variedades de gêneros, de maneiras de interpretar e atribuir significado ao corpo sexuado. Butler, por sua vez, vai além da afirmação de que gênero é uma construção, argumentando que, antes, o próprio sexo é uma construção: “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura” (BUTLER, 1990/2013: 25).

Para a filósofa política Rebecca Reilly-Cooper (2015:10):

- Sexo: o que define o sexo de uma pessoa nada mais é do que a anatomia do seu corpo. Ou seja, biologicamente, nascemos mulher (fêmea) ou homem (macho), em função do órgão sexual. Esta ideia é comprovada por questões da natureza humana, como: cromossomos (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gônadas (presença de testículos ou ovários), hormônios (testosterona, estrogênios), sistema produtor – todas estas características atribuídas a nossa formação intrauterina. O sexo é apenas uma parte da identidade sexual de uma pessoa. Esta parte física da identidade pode ser encontrada em diferentes posturas psicológicas.
- Gênero: aqui não falamos, apenas, de um aspecto físico ou psicológico. Há, também, uma questão social e da construção de identidade. Uma pessoa pode se reconhecer como feminino ou masculino, independentemente do sexo ou orientação sexual. Esta é a identidade de gênero que se baseia em: escolher ou se identificar com determinados valores, posturas e condutas sociais que, culturalmente, estão associadas a determinado gênero, feminino ou masculino, anulando o fato de que seu sexo biológico seja determinante. Dentro da identidade de gênero, há dois grandes grupos: *Cisgênero* – indivíduos que se identificam com o mesmo gênero do seu sexo

biológico; *Transgênero* – indivíduos que se identificam com o gênero oposto do seu sexo biológico; *Não-binário* – indivíduos que não se identificam com nenhum dos dois sexos biológicos.

Socodolski (2016) explica alguns fatores quanto à identidade de gênero

Compreender como legítimo apenas os gêneros “homem” e “mulher” (tanto trans como cis) é uma visão permeada pelo padrão do binarismo, ou seja, que enxerga apenas dois extremos e exclui tudo que não se encaixa nesses limites. Existem pessoas que não se identificam nem com o que entendemos por masculino, nem com o feminino. Esses são os indivíduos não-binários, como listados a seguir:

*Bigênero*: indivíduo que se identifica com dois gêneros, geralmente masculino e feminino. Possui as duas identidades ao mesmo tempo.

*Agênero*: indivíduo que não se identifica com nenhum gênero, sendo, assim, neutro.

*Genderfluid*: termo importado do inglês para designar um indivíduo de gênero fluído, ou seja, cujo gênero pode mudar com alguma frequência conforme o passar do tempo. É possível que a pessoa se identifique como “homem” em um determinado período e depois como “mulher” no mês seguinte, por exemplo. Se diferencia do bigênero pois sua identificação como homem ou mulher não se dá ao mesmo tempo e constantemente, mas sim em períodos específicos e separadamente – ora identificando-se no feminino, ora no masculino (SOCODOLSKI, 2016: 12).

- Orientação sexual: todos os indivíduos, além do sexo, têm uma orientação íntima e particular que define seus interesses, um impulso que configura sua atração sexual. Este aspecto psicológico complementa o sexo, permitindo à pessoa determinar quais são suas preferências nas relações sexuais ou sentimentais amorosas.

De acordo com Caroline Socodolski (2016):

O binarismo, que não deixa grande parte da sociedade enxergar nada além de masculino e feminino, também a cega para orientações sexuais que não se encaixam nas pontas ‘hétero’ ou ‘homo’.

Essas orientações vêm listadas a seguir:

*Bissexual*: é o indivíduo que sente atração sexual por dois ou mais gêneros.

*Panssexual*: indivíduo que sente atração sexual por todos os gêneros.

*Assexual*: indivíduo que não sente atração sexual por nenhum gênero.

*Assexual Cinza*: está na chamada “área cinza” entre o assexual e o sexual, como um “meio-termo”. Os assexuais cinza normalmente não sentem atração por ninguém, mas podem vir a sentir de vez em quando, variando a frequência entre os indivíduos dessa orientação. Para exemplificar: um indivíduo A pode sentir atração com uma regularidade de uma vez por ano, enquanto um indivíduo B só a sentirá duas ou três vezes na vida inteira. É claro, porém, que não funciona de maneira tão matemática, sendo que esse exemplo deve ser levado em conta apenas para melhor compreensão.

*Demissexual*: também está na área cinza entre assexualidade e sexualidade, geralmente não sentindo atração sexual por ninguém. A diferença é que para o assexual-cinza não há nenhum “pré-requisito” para que ocorra a atração, quando esta ocorre, enquanto o demissexual precisa de um laço emocional com a outra pessoa para que a atração se desenvolva. Esse laço não precisa ser necessariamente de natureza romântica, sendo que outras emoções fortes também podem desencadear atração. Uma grande admiração por outra pessoa, por exemplo, poderia ter esse efeito (SOCODOLSKI, 2016: 26).

A autora não citou anteriormente, mas é de grande valia inserir, dentro das definições de gênero, o termo “*Genderqueer*” e, na orientação sexual, a categoria *Queer*. Estas nomenclaturas são designadas em relação aos indivíduos que não seguem, em nenhum aspecto, a heteronormatividade ou binarismo de gênero.

Ainda há um outro termo relevante para ser abordado nesta tese: a orientação romântica. Esta orientação está relacionada a qual gênero ou gêneros um indivíduo sentirá atração romântica – desejo não-sexual de ficar perto, ter algum contato físico e/ou relacionamento com outro indivíduo. A orientação romântica é, especialmente, relevante no que diz respeito aos assexuais, já que alguns deles têm interesse por um relacionamento amoroso, ainda que não simpatizem com a ideia de um relacionamento sexual. Aqueles que não sentem nenhum tipo de interesse nem por uma relação amorosa nem por um envolvimento sexual são caracterizados como *assexuais arromânticos* (Socodolski, 2016: 30).

Desta forma, podemos concluir que cada indivíduo é constituído, basicamente, pela combinação de: um sexo biológico, uma identidade de gênero, uma orientação sexual e uma orientação romântica.

Afim de simplificar o raciocínio dos inúmeros conceitos apresentados até o momento, apresentamos a seguinte tabela:

<b>Sexo biológico</b>	<b>Identidade de gênero</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Orientação de gênero</b>
Feminino	Cisgênero	Heterossexual	Heterorromântico
Masculino	Transgênero	Homossexual	Homorromântico
Intersexo	Bigênero	Bissexual	Birromântico
	Agênero	Pansexual	Panromântico
	<i>Genderfluid</i>	Assexual	Arromântico
	<i>Genderqueer</i>	Assexual Cinza	Demirromântico
		Demissexual	
		<i>Queer</i>	

(SOCODOLSKI, 2016)

## 1.2. Apontamentos cronológicos mundiais da história da homossexualidade

Em estudos antropológicos, comprovou-se que, historicamente, a *homossexualidade* tem marcas em todos os povos mundiais. Há certa de 10 mil anos, nas ilhas da Nova Guiné, Fiji e Salomão (banhadas pelo Oceano Pacífico), acreditava-se que o conhecimento sagrado era passado pela relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. Era feito um ritual no qual o homem travestido de mulher representava um espírito dotado de alegria. O imperador Hammurabi, da Antiga Mesopotâmia, cerca de 1750 a.C., criou o mais importante e antigo

conjunto de Leis, em que santificava homens que mantinham relações com outros homens devotos, dentro dos templos. Na Grécia e na Roma antigas, era absolutamente normal homens mais velhos terem relações com os mais jovens. Era esperado que os meninos aceitassem esse relacionamento com os anciões para que todos os ensinamentos sobre a Filosofia fossem transferidos.

Já no fim do Império Romano, essa aceitação das relações sexuais teve uma mudança substancial, uma vez que o então Imperador Justiniano, em 533 A.C., determinou a punição (com fogueira ou castração) de indivíduos que tivessem práticas homossexuais, já que acreditava que este comportamento não era um ato aceito por Deus. Depois desta forte repressão homossexual, uma vez que todas as sociedades citadas acima tinham como predominância a bissexualidade, a relação heterossexual acentuou-se com o surgimento do casamento e da família, já que os homens se uniam às mulheres com a única finalidade de reprodução. Esta marca da homossexualidade e bissexualidade não acontecia apenas nas civilizações Greco-Romanas; o mesmo também ocorria no Oriente.

Na Índia isso também era uma realidade, o que acabou por influenciar a população, dado que os deuses eram hermafroditas, transvestiam-se e mudavam de sexo. Ao contrário de outras culturas, para os indianos, o sexo não era sinônimo de procriação, mas também uma forma de obtenção de força, prazer e poder. A relação entre os semelhantes, sexualmente ditos, era tratada de forma natural, já que nestas relações eles buscavam o prazer e o prazer estava ligado ao misticismo. Por sua vez, com os orgasmos seria possível compreender os enigmas de seus deuses. Por celebrarem o prazer sexual, os indianos descreviam, minunciosamente, as diversas posições sexuais, as quais acreditavam que poderiam alcançar um maior prazer. Como prova viva, a famosa obra *Kamasutra*, que descreve detalhadamente a inúmeras posições sexuais.

Na China, relações homossexuais também eram tratadas com naturalidade. Os imperadores que influenciavam esta prática e cada um deles tinha uma gama de favoritos. A disputa, dentro da corte, para ser um “favorito” era acirrada, visto que se tornar um dos preferidos implicaria muita riqueza e prestígio. No Japão, a cultura não era diferente.

Entretanto, a visão destes povos foi *contaminada* com o surgimento do cristianismo, que passou a condenar toda e qualquer forma de atividade sexual que não tivesse como finalidade a procriação, assim, a homossexualidade inserida neste meio. (Naphy, 2004: 74).

O cristianismo trouxe à história mundial grandes marcas, as quais debatem-se intensamente ainda nos dias atuais. No panorama histórico feito acima, estas marcas deixam claras as mudanças decorridas com o seu advento. Antes disso, o que existia era a sodomia, cuja prática era exercida pelo sodomita, não permitidas por motivos religiosos e, por sua vez, fazia parte da lista de pecados graves.

Na chegada do século XVIII, a homossexualidade deixa o cunho religioso, e torna-se, então, uma afronta contra o Estado, a ordem e a natureza (NAPHY, 2004: 76). Durante anos, médicos e cientistas procuraram intervir de forma científica, física ou psicologicamente, na dita anomalia que acompanhava pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo (TREVISAN, 2007: 177-178). Em meados do século XIX, deram-se início às tentativas de se explicar, cientificamente, o fenômeno da homossexualidade.

É a partir do século XIX que se afirma que a homossexualidade tem raízes patológicas, uma vez que o indivíduo mostra um desvio comportamental. Outros ainda debatem, cientificamente, utilizando-se da biogenética para discutir se o indivíduo (homem ou mulher – biologicamente caracterizados) se tornam homossexuais durante o desenvolvimento intrauterino, uma vez que a quantidade do hormônio masculino (testosterona) que o feto recebe tem o poder de determinar se o indivíduo terá inclinação de atração para o sexo oposto ou para o semelhante ao seu. Ainda tem quem confie que o ser humano, simplesmente, tem o poder de escolha, que a questão da orientação sexual nada mais é do que a decisão do indivíduo de se relacionar com pessoas do mesmo sexo (biologicamente determinado), do sexo oposto, ou até mesmo com ambos. A interação sexual de animais do mesmo sexo, no reino animal, também foi comprovada, cientificamente, como uma prática natural e até mesmo de sobrevivência, o que nos leva a pensar que o mesmo ocorra com o Homem, desde o seu surgimento na Terra.

Freud, no início do século XX, explicou a homossexualidade masculina baseado na teoria edipiana, aliada à figura materna e depois definida como “complexo”, por Carl Jung. Durante a adolescência, não sendo capaz de renunciar à mãe como objeto sexual, o menino a transforma no “objeto” mais amado, no sentido de que a possa amar da mesma forma em que foi amado e cuidado. Com relação ao sexo feminino, a menina é obrigada, após a fase

fálica (reconhecimento físico do órgão genital), a fazer a troca do clitóris pela vagina, como órgão sexual. A mudança não é feita apenas em caráter físico, mas também psicológico, quando a menina deve trocar a mãe pelo pai. Durante esta dupla passagem, o indivíduo requer de um grande esforço psíquico, podendo se identificar com o pai ou com a mãe virilizada e regredir a uma virilidade que não se confunde com a fase fálica infantil (FREUD, 1996: 109-110). Esta teoria freudiana contribuiu para o esclarecimento de diversos aspectos do comportamento humano, em particular, para desmistificar a homossexualidade, apenas, do terreno moral, ainda que encarada como uma manifestação patológica, discussão que vem sendo cada vez mais contestada.

O incidente de Stonewall, em Nova Iorque, é tido como um marco na história da homossexualidade por toda a luta política que foi desenvolvida. Durante uma batida da polícia de Nova Iorque, em um bar frequentado por gays, no dia 28 de junho de 1969, as pessoas que lá estavam resistiram ao atentado da polícia, trancando-os dentro do bar e ateando fogo dentro do espaço. A “guerra”, que envolveu milhares de pessoas, durou toda a madrugada do dia 28 e tinha como armas pedras e garrafas. Após um ano e meio ao incidente, dez mil gays, provenientes de todos os estados norte-americanos, marcharam pelas ruas de Nova Iorque, com o intuito de demonstrar que seguiriam lutando por seus direitos. Frente a este fato, o dia 28 de junho foi instituído como o dia Internacional do Orgulho Gay (OLIVEIRA, 2006: 31-32).

Todo este capítulo foi trabalhado para evidenciar que a sexualidade está inerente à personalidade de todo ser humano. O seu desdobramento depende da satisfação de necessidades humanas básicas, como: desejo do contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho, amor. Sendo assim, a sexualidade é consolidada por meio da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais, e seu total avanço é essencial para o desenvolvimento individual, interpessoal e social.

## **CAPÍTULO II – Historiografia brasileira sobre o movimento GLBT/LGBT**

No Brasil, os relatos de atividades de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo vêm de séculos anteriores ao descobrimento do país, comprovadas por manuscritos, desenhos e esculturas. Os portugueses que chegaram ao continente, em meados do século XVI, fizeram os primeiros registros dessas relações dentro de tribos indígenas. A tribo Guarani foi a que surpreendeu os descobridores por terem, em suas comunidades, homens que se vestiam de mulheres. Alguns homens se portavam como o gênero feminino e faziam as tarefas que até então eram atribuídas à mulher. Há relatos de que esses homens até simulavam a menstruação. Havia também, na região Amazônica, tribos de mulheres que tinham relações com outras do mesmo sexo que se comportavam como homens e que chegaram a confundir os colonizadores por seus comportamentos, tidos como masculinos.

Com todas estas descrições históricas, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que a relação de pessoas do mesmo sexo era totalmente aceita entre os povos indígenas. A situação começou a se tornar polêmica, no final do século XVI, com a disseminação do cristianismo. Segundo a história, em 1591, o Padre Frutoso Alvares foi o primeiro a ser sentenciado em tribunal da inquisição brasileira por ter relações sexuais com outro homem. Depois do ocorrido, muitos homens que faziam sexo com homens tiveram de esconder as suas sodomias – termo utilizado na época para designar a homossexualidade - para sobreviverem.

Em contrapartida, como afirmam Kim Phillips e Barry Reay, autores de *Sex before sexuality: A Premodern History* (2011), o amor se aplicava aos relacionamentos tanto dentro como fora dos limites do sexo biológico e um componente sexual poderia ou não se aplicar. Embora o sexo fosse apenas lícito sob os limites relativamente rígidos do casamento (ou a perspectiva dele), o desejo poderia ser encontrado em uma série de condições não matrimoniais.

Desde então, a relação entre pessoas do mesmo sexo tornou-se motivo de perseguição. Apenas no século XIX, em 1830, com a criação do Código Penal, essas relações deixaram de ser crime. Ainda que considerado um ato obsceno, no período Imperial, a prática de sexualidades não tidas como heteronormativas não poderia ser controlada pelo Estado, a

não ser que fossem exercidas em lugares públicos e que ofendessem a “moral e bons costumes” da sociedade brasileira, conforme relata o trecho a seguir:

Offender os bons costumes, com exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos, attentatorios do pudor, praticados em lugar publico ou frequentado pelo publico, e que, sem offensa á honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade. (PIERANGELLI, 1980: 26)

De acordo com evidências em documentações já estudadas, a polícia patrulhava espaços públicos afim de exterminar as cidades de: homens efeminados, “escandalosos” e de mulheres com aparência masculinas. Essas autoridades só podiam agir, caso os indivíduos mostrassem um comportamento fora dos padrões do seu sexo. É válido lembrar que homens de boa posição social estavam imunes a estas ações policiais. Para as classes tidas como médias, ainda era possível recorrerem ao suborno para não irem presos. Já aos pobres, a prisão era inevitável e frequente. Nos arquivos estaduais e nacional brasileiros não é fácil encontrar documentos que detalhem a vida social e pessoal dos homossexuais que se agrupavam nas capitais das províncias durante o Segundo Reinado (1840-1889).

Ainda que haja limitadas pesquisas sobre a história da homossexualidade no Brasil, é fundamental reconhecer os pioneiros no processo de resgate dos relatos sobre a homoafetividade e as relações homoeróticas, que evoluíram tanto em épocas mais remotas, como nas mais recentes. Baseado na antropologia, nos anos de 1980, aconteceu o primeiro *boom* de estudos sobre a história da homossexualidade no Brasil, especialmente, nas pesquisas sobre a época colonial e trabalhos sobre o século XX. Durante muito tempo, a disciplina de História se manteve longe da pesquisa deste assunto. Era dividida entre os praticantes tradicionais de métodos e ideologias conservadores e os neomarxistas, ortodoxos (ou não), os quais se preocupavam, apenas, em entender as estruturas econômicas e as formas de exploração (GREEN, 2012: 65-76). As relações de classes explicavam tudo, uma vez que a homossexualidade era “coisa de viado” e não fazia parte da linha de estudo para historiadores sérios (Mott, 2004). Mesmo atualmente, depois de mobilizações sólidas nas ruas e de diversas conquistas democráticas, ainda existe, no cenário acadêmico, dupla moralidade.

Com base nas amplas fontes de visitas ao Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, no Brasil, Luis Mott, Ligia Bellini e Ronaldo Vainfas desenvolveram as primeiras obras sobre a sodomia, ato que, no período colonial, poderia levar o acusado a execução. Foi na Torre do Tombo, em Lisboa, que Luis Mott, professor de antropologia na Universidade Federal da Bahia durante mais de 30 anos e ativista incansável do movimento LGBT, encontrou, entre outros lugares, inúmeros casos de homens (brancos e negros, escravos e libertos, jovens e velhos, ricos e pobres) que mantiveram relações sexuais com outros homens. Mott mapeou uma geografia urbana de homoerotismo em Lisboa e Salvador, onde pessoas de todas as classes sociais, cores, religiões e inclinações sexuais tinham aventuras sexuais passageiras e/ou relações duradouras (JONHSON; DUTRA, 2006).

Ligia Bellini (1989), orientada por Mott, avaliou oito casos da Inquisição para perceber como a instituição investigou as mulheres acusadas de cometer a sodomia “imperfeita”, já que não existia penetração na relação sexual entre elas, elemento este fundamental para abranger esta acusação. Parece que os “pecados” confessados por mulheres que mantinham sexo com outras mulheres, em geral, não receberam tanta atenção da Santa Inquisição, visto que a misoginia dos homens da Igreja não fazia com que os mesmos imaginassem que existia, de fato, uma sexualidade efetiva e afetiva entre mulheres.

O historiador Ronaldo Vainfas (2010) contextualizou os casos de perseguição de sodomitas em um estudo mais amplo sobre transgressões e comportamentos sexuais na colônia, entre os séculos XVI e XVIII. Recentemente, uma coletânea de artigos sobre a homossexualidade masculina, no mundo luso-brasileiro, ofereceu mais casos sobre as práticas sexuais em Portugal e no Brasil, especialmente quando a Terra de Santa Cruz fazia parte do império português.

Todos esses trabalhos tiveram suas pesquisas feitas tanto no Brasil, como em Portugal. E legitimaram, dentro do universo acadêmico, o estudo de sexualidades *transgressoras* na época colonial. Esses documentos da Inquisição permitiram reconstruir, de forma avassaladora, a vida social dos homens e mulheres que violaram os mandamentos da Igreja e os comportamentos de gênero desejáveis do período descrito. No entanto, a falta de mais detalhadas documentações limita os conhecimentos atuais sobre os padrões de sexualidades, especialmente, do que era proibido e condenado.

Entre os anos de 1950 e 60, o Brasil passou por mudanças drásticas, momentos em que milhões de camponeses e trabalhadores migraram, em massa, para os grandes centros urbanos, a produção industrial se expandiu, ocasionando uma maior oferta de empregos e produtos para o mercado doméstico. As cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife tornaram-se ímãs que atraíram homossexuais do interior de outras cidades, na busca do anonimato e fugindo do controle do meio familiar. Esses recém-chegados, juntamente com os nativos das grandes metrópoles, uniram-se e formaram subculturas homossexuais urbanas. Naquela época e ainda hoje, a construção tradicional de gêneros, sobretudo com relação à homossexualidade, era hierárquica e baseada em papéis de gênero. Homens que mantinham relações sexuais com outros homens eram divididos em duas categorias: o homem “verdadeiro”, chamado de “bofe” e ativo, sexualmente falando; e a “bicha” (nomenclatura usada ainda hoje), tido de forma efeminada e tratado como o passivo da relação.

Esta binariedade remetia às relações sexuais heteronormativas tradicionais (homem e mulher), em que o homem era considerado o “ativo” e a mulher a “passiva”. Segundo a observação do antropólogo Richard Parker:

A realidade física do próprio corpo divide assim o universo sexual em dois. As diferenças anatômicas conhecidas são transformadas através da linguagem, nas categorias hierarquicamente relacionadas de gênero definido social e culturalmente: nas classes de masculino e feminino... construídas com base na percepção da diferença anatômica, é essa distorção entre atividade e passividade que estrutura mais claramente as noções brasileiras de masculinidade e feminilidade, e que têm servido tradicionalmente como o princípio organizador para o mundo muito mais amplo de classificação sexual da vida brasileira atual. (PARKER, 1992: 70)

A “passividade” sexual de homens atribuiu uma posição social inferior da “mulher”. Desde que o homem seja tido como o homem “verdadeiro”, a prática sexual com outros do mesmo gênero pode acontecer, sem que os mesmos percam o seu status social de alfa.

Com relação às mulheres, a esteriotipação também ocorreu e ocorre de forma semelhante, uma vez que, quando elas manifestam características tidas como masculinas, vistas como perdendo a sua feminilidade, ou exprimem seus desejos sexuais ou afetivos por

outras mulheres, são marginalizadas. A expressão atribuída, pejorativamente, é a de “sapatão”, a qual reflete um mal-estar social contra a mulher forte e masculinizada.

Os encontros públicos homossexuais concentravam-se em parques, praças, cinemas, banheiros públicos e em determinadas praias. Até o final dos anos de 1950, não existiam bares que fossem voltados, especificamente, a este público, tanto gay, como lésbico. Era de costume as pessoas morarem com seus familiares até o casamento, desta forma, estes encontros homoafetivos aconteciam, muitas vezes, em quartos alugados ou em casas de amigos. O famoso carnaval era a época do ano em que os gays podiam se expressar livremente, sem filtros. As lésbicas, ainda que mais limitadas por normas sociais, pelo simples fato de serem mulheres, também aproveitavam desta festividade para expressarem seus desejos em público. O “Baile das bonecas”, assim chamado, no Rio de Janeiro, atraía pessoas, internacionalmente, nos anos 50. Nesta altura do ano, tudo era permitido.

O movimento gay e lésbico foi pouco afetado pelo golpe militar do país, em 1964. Os militantes homossexuais que sofreram com a repressão foram submetidos a isto, basicamente, por seus posicionamentos políticos e ideológicos de extrema esquerda. Ao fim de mais de uma década do regime militar, o ano de 1978 foi um ano mágico para o Brasil. Durante o verão deste mesmo ano e começo de 1979, estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se, semanalmente, em São Paulo. Juntos, eles planejavam o futuro da inédita organização pelos direitos homossexuais do país (GREEN, 1999: 53). Havia, sempre, alternadamente, reuniões para discussões e conscientizações pelo assunto. Os participantes, na sua maioria, homens gays e algumas lésbicas, juntos, debatiam as últimas matérias publicadas pelo jornal escandaloso e sensacionalista “Notícias Populares”, e qual seria a melhor resposta dada pelo grupo intitulado “Ação pelos Direitos Homossexuais”. A leitura cuidadosa de cada número da recém-lançada publicação mensal do *Lampião da Esquina* – jornal dedicado à população que não obtinha o direito de voz - também era tarefa para a reunião do grupo. Este jornal, com estruturas de tabloide (cerca de metade do tamanho normal dos jornais), se declarava um veículo para discussão de: sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo. A produção era feita por escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo (GREEN, 1999: 55).

Ao longo do tempo, o nome do grupo se tornou motivo de debate. Talvez, este nome era responsável, por apenas dez ou doze pessoas que se reuniram, secretamente, para as

discussões. Uns votaram para que o grupo se chamasse “Somos” - em homenagem ao primeiro grupo pelos direitos gays na América do Sul, surgido, em Buenos Aires, no ano de 1971, mas que desapareceu na longa noite da ditadura militar, em março de 1976. As opiniões eram divergentes e outros integrantes sugeriram um nome que fosse mais claro com o propósito da organização, como: Grupo de Afirmação Homossexual. Qualquer ideia surgida que contivesse o termo “gay” já estava excluída diretamente, com a justificativa de que imitava o movimento norte-americano. Por fim, o nome aderido foi o “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual”, nome este equilibrado entre as diversas sugestões. Com novo título adotado, o grupo estreou um debate, em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências da Universidade de São Paulo. O encontro contou com diversas discussões sobre a organização das tidas como “minorias” brasileiras (referente às mulheres, negros, povos indígenas e os homossexuais).

Foi neste momento, também, que o movimento de gays e lésbicas do Brasil “se assumiu”. O congresso sobre a homossexualidade, que lotou o auditório com mais de 300 pessoas, contou com a presença de editores do jornal *Lampião* e dos membros do Somos. Pela primeira vez, lésbicas tinham voz para falar, abertamente, sobre a discriminação que sofriam. Estudantes gays reclamavam que a esquerda brasileira era homofóbica. Outros, que defendiam o sistema de Fidel Castro e da revolução cubana, alegavam que lutar por direitos específicos, contra o sexismo, o racismo e a homofobia, dividiria a esquerda. O argumento era que devesse haver a união, na luta geral, contra a ditadura. A primeira polêmica dentro do movimento homossexual brasileiro começava a ser traçada.

Passado um pouco mais de um ano, cerca de mil lésbicas e gays lotavam o Teatro Ruth Escobar, no centro de São Paulo, para a cerimônia de encerramento do Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados. A partir daí as marchas tornaram-se, cada vez mais, frequentes. Finalmente, um movimento político havia nascido. Quinze anos depois, em junho de 1995, mais de 300 delegados, representantes dos grupos homossexuais da Ásia, Europa, das Américas e do Caribe, reuniram-se, no Rio de Janeiro, para a 17ª Conferência Anual da *Internacional Lesbian and Gay Association* (ILGA). Foi na cerimônia de abertura que a deputada federal Marta Suplicy (Partido dos Trabalhadores) lançou, em primeira mão, a campanha nacional pela parceria civil e por uma emenda constitucional de proibição da discriminação com relação a orientação sexual. No mesmo ano, ocorreu a primeira e maior rede de organizações LGBT brasileiras, a ABGLT (Associação Brasileira de

Gays, Lésbicas e Travestis). Cerca de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil reuniram-se, considerando assim, a maior rede LGBT da América Latina. Além dos esforços no combate à AIDS e variadas articulações com órgãos públicos, a ABGLT promove, ainda hoje, uma série de ações no âmbito legislativo e judicial, com a finalidade de acabar com diferentes formas de discriminação e violência contra a população LGBT. Um exemplo de ações já conquistadas é o caso das campanhas de sensibilização de parlamentares e da população em favor da aprovação de projetos de lei, como o 1151/95, que reconhece a parceria civil, e o 122/2006, que criminaliza a homofobia (GREEN, 2005).

No ano de 2002, o procedimento de redesignação sexual – popularmente chamado de “mudança de sexo”, do masculino para o feminino – foi autorizado pelo Conselho Federal de Medicina brasileiro. A partir de 2008 passou a ser oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Em 2010, o processo de redesignação do fenótipo feminino para o masculino também foi aprovado pelo Conselho e passou a estar disponível também pela rede pública. A espera para que este procedimento seja feito pode durar até 20 anos e apenas uma fração de trans, homens, mulheres e travestis, com este devido interesse, é atendida. Com relação a questão dos nomes sociais – nome aquele que pessoas transexuais e travesti usam para se identificar, mesmo não alterados no seu registro civil -, desde 2009, o Ministério da Saúde permite que essa mudança seja usada no SUS. Desde 2013, o governo federal permite seu uso no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Existem decisões em níveis federais, estaduais e municipais, nesse sentido, que são válidos para órgãos públicos, instituições de ensino e empresas estatais.

## **2.1. As sete principais conquistas LGBT brasileiras nos últimos vinte anos**

De acordo com um apanhado feito pela revista *Veja* (2016), as memoráveis conquistas da luta LGBT foram:

- O casamento entre pessoas do mesmo sexo – foi em maio de 2011 que o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homoafetiva como uma entidade familiar. No mesmo ano, em junho, o primeiro casamento civil foi formalizado, no interior de São Paulo. Já em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estabeleceu a Resolução 175 que proíbe que cartórios, de todo o território nacional, se recusem a celebrar casamentos de casais homossexuais ou deixem de converter, em casamento,

a união estável homoafetiva. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), desde então, quinze mil uniões homossexuais foram registradas.

- A adoção por casais homoafetivos – a primeira adoção de uma criança por um casal homossexual foi efetivada em 2005, no interior do Estado de São Paulo,. No ano seguinte, o nome do casal foi inserido nos documentos da criança. Em 2008, o Conselho Nacional de Justiça alterou o formato da certidão de nascimento tradicional de “pai e mãe” para “filiação”, alteração que permite, sem constrangimentos, o registro de crianças por casais homoafetivos.
- Mudanças do nome civil e social – no Brasil, é permitido alterar o nome civil e gênero, no registro de nascimento, caso haja a comprovação de mudança cirúrgica de sexo. Ainda assim, a possibilidade de se fazer a alteração é uma antiga demanda do movimento LGBT, uma vez que a intervenção médica é arriscada e o processo de transição demorado. Em maio de 2016, o Supremo Tribunal de Justiça decretou que um transexual modificasse o sexo registrado, em sua identidade civil, sem que houvesse a necessidade de realizar cirurgia.
- Eleição de candidatos, assumidamente, homossexuais – o estilista Clodovil Hernandez, em 2006, tornou-se o primeiro político do Brasil assumidamente gay. Em 2010, o professor Jean Wyllys ganhou o cargo como deputado federal, pelo Rio de Janeiro, e se elegeu na defesa da causa LGBT. Já em 2017, Edgar de Souza (PSDB), da cidade de Lins, tornou-se o primeiro prefeito de uma cidade brasileira, casado, oficialmente, com outro homem.
- Cirurgia de mudança de sexo e de reprodução assistida feita pelo SUS (Sistema Único de Saúde) – o SUS realiza a cirurgia de redesignação sexual de homem para mulher, desde 2008, e de mulher para homem, desde o ano de 2013. Além do procedimento, o SUS também oferece acompanhamento ambulatorio com equipe multiprofissional, incluindo psicólogos, como parte do tratamento. A primeira cirurgia custeada pelo SUS foi efetivada em 2011. No ano de 2013, o Conselho Federal de Medicina (CFM) decretou que casais homoafetivos estejam incluídos nos processos de reprodução assistidas, podendo, desta forma, realizar fertilização *in vitro*.

- Aparição na mídia – a telenovela “Amor e Revolução”, transmitida no horário nobre do canal televisivo SBT em 2011, exibiu o primeiro beijo gay da televisão brasileira. Já o primeiro beijo gay em novelas da rede Globo foi para o ar em 2014. Em 2016, a mesma emissora aberta (Globo) mostrou a primeira cena de sexo gay.
- Paradas do Orgulho LGBT – segundo o *Guinness Book* (livro dos recordes), a cidade de São Paulo tem a maior parada de celebração LGBT do mundo. De acordo com o último registro do livro, o recorde foi atingido na edição de 2006, em que teve 2,5 milhões de participantes, de acordo com a confirmação da Polícia Militar. O evento do orgulho LGBT acontece em outras 23 cidades brasileiras.

## 2.2. Sobre o termo LGBT

Reis (2007) admite que as primeiras tentativas de organização de um movimento homossexual contra as discriminações e reivindicações de direitos foram ocasionadas na Europa, entre 1850 e 1993, como reação às legislações que criminalizavam atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Outro momento foi na Alemanha de 1933, com o advento do regime nazista, no qual mais de 200 mil homossexuais foram mortos. Só nos anos de 1960, no contexto de pós-Segunda Guerra, se organizou o primeiro movimento GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros). É necessário explicar o termo “LGBT”, uma vez que abordamos esta nomenclatura para categorizar os canais de YouTube que foram analisados.

A data que ficou como marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando a rebelião de GLBTT contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando pelos seus direitos. Desde então ‘28 de junho’ é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT (REIS, 2007, p. 23).

No Brasil, até 1993, o movimento é descrito como MHB (movimento homossexual brasileiro). Após este ano, como MGL (movimento de gays e lésbicas). Em 1996, é tido, primeiramente, como um movimento GLT (gays, lésbicas e travestis) e, posteriormente, a partir de 1999, intitulou-se como um movimento GLBT – de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, passando pelas variantes GLBT ou LGBT, com o intuito de hierarquizações e estratégias de visibilização de segmentos.

Facchini (2005), em seu trabalho sobre o movimento homossexual na década de 1990, nos expõe que, no ano de 1998, por meio de intercâmbios de militantes do movimento homossexual brasileiro com os internacionais, adotou-se a sigla GLBT, no intuito de abranger a Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros:

[...] a especificação de categorias como lésbicas, travestis e transexuais pode ser compreendido como escolhas, feita a partir de um leque de possibilidades – que com o incentivo da globalização e da grande circulação de informações, passam a trazer referências criadas em outros contextos culturais ou no âmbito de iniciativas de outra natureza, como a academia [...] Há um processo de ressignificação e um contexto político-cultural local que permitem a demanda por novas categorias ou estilos e que influenciam a apropriação de determinada categoria ou estilo e não de outra (FACCHINI, 2005: 181).

No ano de 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros reconhece o uso de GLBT, incluindo, oficialmente, o “B” de bissexuais à sigla utilizada pelo movimento e convencionando que o “T” se refere às travestis, transexuais e transgêneros.

Em junho de 2008, na I Conferência Nacional de Políticas Públicas para GLBT, no Brasil, foi impressa a discussão da mudança da sigla GLBT para LGBT, como já adotado no cenário internacional. Segundo Neil Franco (2009), essa mudança ocorreu no intuito de reconhecer a atuação e privilegiar as identidades lésbicas como uma forma de reparação ou de reconhecimento do processo histórico de invisibilidade pelo qual foram submetidas.

### 2.3. A luta brasileira contra a homofobia

Atualmente, o poder Executivo Federal dedica-se a ações voltadas a diversidade sexual, através do Projeto “Brasil sem Homofobia”, combate à Violência e à Discriminação contra os GLBT e Promoção da Cidadania Homossexual. Este projeto começou a ser aplicado em 24 de maio de 2004, sob a coordenação da Secretaria Especial de Direitos Humanos, ligado, diretamente, à Presidência da República.

Segundo o *síte* do Governo do Brasil, o programa prevê onze ações, estas divididas em 53 itens e outros subitens, que engloba a defesa à cidadania de homossexuais, por meio das seguintes ações: Articulação e fomento da política de promoção dos direitos de homossexuais; Legislação e justiça; Cooperação internacional; Direito à segurança: combate à violência e à impunidade; Direito à educação, promovendo valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual; Direito à saúde, consolidando atendimento e tratamentos igualitários; Direito ao trabalho, garantindo uma política de acesso e de promoção da não discriminação por orientação sexual; Direito à cultura, construindo uma política de cultura de paz e de valores de promoção da diversidade humana; Política para a juventude; Política para as mulheres; Política contra o racismo e a homofobia.

No decorrer desta trajetória, o movimento social voltado às questões da diversidade sexual passou por transformações a partir de rupturas e permanências, na busca do exercício de cidadania e direitos humanos. A finalidade da *Educação sem Homofobia*, aprovado em 2004, é de incentivar ações de combate ao preconceito, à discriminação e à violência, todos ligados ao tema da homossexualidade e da transexualidade, no processo de formação de alunos e educadores. Para além disso, salienta para a importância das Universidades atentarem-se às práticas e as formas de ensino à luz dos direitos humanos e sexuais, viabilizando a capacitação de professores, na intenção de ampliar novos conceitos ao universo escolar. A iniciativa ocorreu por conta do elevado índice de homofobia nas escolas, desencadeando a violência no cotidiano escolar e marginalizando indivíduos que não vivem sua sexualidade de maneira heteronormativa. De acordo com Mello, Grossi e Uziel (2009), este programa começou a dar resultados e a se ampliar em níveis federal, estadual e municipal, com campanhas educativas, afim de incorporar uma cultura de respeito à diversidade sexual em combate a homofobia.

Para que seja possível perceber e ambientar o estudo do país escolhido para análise é necessário estarmos à par de como foi traçada sua luta e trajetória, no que diz respeito ao assunto dos movimentos LGBT. Entender como o país funciona e que passos foram necessários dar para que conquistas alcançadas, até hoje, faz com que os resultados sejam percebidos de maneira objetiva. A questão política foi a responsável para que, atualmente, o país conseguisse algumas liberdades, no que diz respeito à conquistas e direitos. Foram anos de muita mobilização, reivindicação, protestos, passeatas e até vidas perdidas.

## **CAPÍTULO III – A reciprocidade das redes: este lado da tela *versus* o outro lado da tela**

### **3.1. A esfera pública e o ciberespaço**

Habermas (1999: 82) definiu como esfera pública “o espaço de mediação entre Estado e sociedade, que permite a discussão pública em um reconhecimento comum da força, da razão e a riqueza da troca de argumentos entre indivíduos, confrontos de ideias e de opiniões esclarecidas. ”

Ao se discutir a ideia de esfera pública, Habermas (2003) ressalta a intervenção da imprensa no processo de debate público e opinião pública. Neste contexto, pode-se compreender que os meios de comunicação ocupam um espaço primordial na constituição da esfera pública: a facilidade de os fluxos informacionais e comunicacionais atingirem cidadãos que, em outros momentos, não conseguiriam opinar sobre determinada demanda ou tema. Por conseguinte, os diversos meios de comunicação, incluindo a Internet, incluem “em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas da nossa agenda” (HOHFELDT, 2010: 45).

Os meios comunicacionais (online) são capazes de proporcionar informações de forma frequente, gerando, assim, uma rápida mobilização. Efetivamente, ao perceber que a relação das pessoas frente à realidade não é dada de forma direta, é mediada, a compreensão que se tem da realidade é dada por “imagens que formamos em nossa mente. Desta forma, percebemos a realidade, não enquanto tal, mas sim enquanto a imaginamos” (HOHLFELDT, 2010: 193), atraindo ao imaginário a concepção de espaços de opinião pública, participação e mobilização. De acordo com Scherer-Warren (2006), há um caráter intelectual que busca compreender as transformações sociais, identificando a necessidade de um espaço de análise pública. Trata-se de um processo de discussão e reflexão “para uma troca de razões em público” (Maia, 2006: 153), ou seja, “é uma forma de governo na qual cidadãos livres e iguais (e seus representantes) justificam suas decisões, isto é, oferecem razões uns aos outros que sejam mutuamente aceitáveis e acessíveis a todos, com o propósito de chegar a uma conclusão que produza vínculos entre todos no presente, mas aberta ao desafio no futuro” (MAIA, 2006: 154).

À medida em que a Internet, até há alguns anos, concedia espaço de debates através de e-mail e listas de discussão, novas possibilidades de comunicação e informações

manifestam-se como forma de aquisição de informações e debates (MAIA, 2006: 201-218). Como aponta Gomes (2005), a internet, tendo a facilidade de expressão, permite aos cidadãos atingir outros cidadãos, dando a chance aos interessados de participarem do jogo democrático através de informação política atualizada e oportunidade de interação. Essa esfera virtual pode ser uma ampliação da esfera tradicional, funcionando como um espaço de extensão da expressão política. Levy (2007) consolida a questão da utilização de um espaço virtual, intitulado como “ciberespaço”, o qual é ampliado pelas redes digitais de informação e comunicação a partir do contato virtual com todos e com cada indivíduo. Segundo Levy (2007: 11), “o atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, existe a possibilidade de raciocinar o que está realizando-se atualmente, não apenas no âmbito da observação dos impactos na rede, mas, sobretudo, na promessa de contribuição com projetos que possibilitam compreender e incentivar a criação de uma esfera virtual. Um momento, ainda em adequação com o pensamento de Levy, figurado pela coletividade, induzindo ao pensar, criticar e reivindicar coletivamente. Esta ocorrência dá-se a partir do ponto em que há o compartilhamento de conhecimento e pontos de vistas, identificando uma inteligência coletiva que permita a transformação radical “dos dados fundamentais da vida em sociedade” (Levy, 2007: 18).

As esferas públicas, tanto a existente em uma sociedade física quanto virtual, atuam em caráter complementar, como compreende Moraes em seu trabalho *O ativismo digital* (2001), posicionando a Internet como um dos meios vitais para a comunicação e informação. Como enfatiza o mesmo autor (2001: 13), esta plataforma é considerada um dos meios, uma vez que não está “dissociada dos embates sociais concretos”, sendo esta uma “relação de confluência, de acréscimo e de sinergia entre o concreto e virtual, resultante, de um lado, da progressiva hibridação tecnológica e, de outro, do somatório de possibilidade que nenhuma das partes, isoladamente, alcançaria”. O conceito proposto por Lévy é relevante, já que o caminho para essa resolução é uma construção contínua. Bruxel (2004: 34) previu ao tratar sobre o percurso que ainda há de se transitar para atingir uma sociedade democrática, defendendo que parte desses desafios estão pautados na “configuração de um novo espaço, de uma esfera pública mundial, como pela garantia de que todos os cidadãos possam ter acesso a informações confiáveis, de forma que estejam em condições de participar do debate”, ou seja, com a probabilidade de criação de uma rede de interessados no debate. Todas estas redes intensificaram a construção de esferas públicas em que “coletivos em redes

e as redes de movimentos sociais também têm desempenhado um papel relevante enquanto atores de resistência e propositores de políticas sociais cidadãs” (Scherer-Warren, 2006: 222). As redes, menos centralizadas e mais democráticas, potencializam os movimentos sociais, dando espaço à difusão de informação de maneira rápida e ampla, interligando iniciativas globais e locais. Essas possibilidades podem, dessa maneira, ser consideradas como formas mais expressivas de articulações políticas na atualidade (Scherer-Warren, 2006: 223).

É dentro do ciberespaço que se enquadra a expansão daquilo que Pierre Lévy (2003: 28) intitula como inteligência coletiva, “uma inteligência distribuída por toda a parte incessante valorizada, coordenada em tempo real, que resulta de uma mobilização efetiva das competências”. Esta inteligência coletiva tem como objetivo entender e reconhecer as habilidades que se distribuem entre os indivíduos, com o propósito de ordená-las para serem utilizadas em benefício da coletividade. Segundo Lévy (2003: 30), a inteligência não está restrita apenas a poucos privilegiados e, justamente por este motivo, o autor reconhece que ela deve ser incessantemente valorizada. Desta forma, é necessário reconhecer o contexto em que o conhecimento do indivíduo pode ser considerado importante para o crescimento de um determinado grupo. A proposta de inteligência coletiva, exposta pelo autor, é o reconhecimento e desenvolvimento mútuo de todos aqueles que se envolvem em tal projeto.

Para Hardt e Negri (2005: 285), as formas contemporâneas de resistência aparecem em novos modelos de lutas que se constroem por meio das redes e de movimentos múltiplos, colaborativos e reticulares. É neste cenário que Pierre Lévy (2011: 64) acredita nas redes como um possível espaço “de uma nova forma de democracia direta em grande escala”, em que grandes coletividades poderão interagir em tempo real. Com relação às comunidades virtuais, Barry Wellman (2002) constata o início de um individualismo conectado que se manifesta por intermédio de rizomas e agenciamentos coletivos. Este individualismo conectado cede espaço a novas formas de organização e interação sociais, “onde a web surge como um substituto do padrão das mídias de massa, com suas mensagens redundantes, repetitivas e hipnóticas” (WELLMAN, 2002: 286). Nesse seguimento, a visão rizomática – modelo filosófico que trata o conhecimento como raiz, podendo se ramificar, mas sem a necessidade de manter uma hierarquia de raciocínio - é relevante para a compreensão dessas intervenções e de novas formas de convivência, que são descentralizadas, heterogêneas, mutáveis e flexíveis. Para tal, o autor diz que as manifestações que surgem ao redor do planeta são formas de intervenções de ações rizomáticas, em que a internet é um mapa aberto

que permite o agenciamento de pontos e possibilita o surgimento de uma multiplicidade de entradas e saídas, fixações e nomadismos. Já para Castells (2013: 271), ao estudar a multiplicidade de movimentos sociais articulados por meio das redes, as transformações das lutas políticas iniciadas a partir da última década do século XX estão conectadas a uma nova perspectiva de luta e de crítica ao sistema de globalização capitalista.

Os indivíduos participantes das redes sociais que conservam as atividades de colaboração e interação na rede são tidos como “nós principais, os cruzamentos, os comutadores da computação social, recolhendo, filtrando, redistribuindo, fazendo circular a informação, a influência, a opinião, a atenção e a reputação” (Lévy, 2010: 88).

As pessoas sempre têm muita coisa a dizer, imagens e músicas a difundir, coisas a trocar, injustiças a denunciar, sofrimentos a expressar, histórias a contar, opiniões a oferecer, questões a colocar, poemas a declarar, testemunhos a compartilhar (...). E esse deslocamento da palavra, esse “poder de dizer enfim”, esse “mostrar” e “se mostrar” generalizado é que é uma das principais dimensões da revolução ciberdemocrática em curso (LE MOS e LÉVY, 2010: 89-90).

### **3.2. As minorias sexuais e seu relacionamento/posicionamento frente à Internet**

A visibilidade de minorias sexuais na Internet ocasiona a construção de novos sentidos ligados às relações de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo que possibilita novas discussões para a esfera pública. Com isso, a cidadania passa a se designar como forma concreta (PLUMMER, 2004: 89). Dentro deste aspecto é necessário citar a denominação de cidadania íntima, que nada mais é do que o espaço de afirmação da identidade e da alteridade, do reconhecimento de uma diferença no que toca gênero, cultura, religião, origem social, língua, entre outros. É através desta cidadania íntima que surge a capacidade de ultrapassar estereótipos, na real curiosidade pelo outro, enquadrada na ética da responsabilidade (LÉVINAS, 1982). Esta cidadania coloca o outro no centro, levando-nos a ultrapassar interesses corporativos imediatos, aceitando o outro como colocando limites à nossa própria individualidade. Segundo Sarmento (2006), somos convidados a ultrapassar uma concepção restrita de cidadania, afim de nos situarmos numa postura ética, por isso a

necessidade de educarmos para uma ação com critério que balanceie e contrabalance o racional com o afetivo, uma mistura de lucidez e sensibilidade (MOITA, 2006).

No âmbito do popular e alternativo na comunicação contemporânea, verifica-se uma uniformidade de fatores que, na sua variação, permite a entrada de outras possibilidades, talvez não tão inscritas diretamente no sistema. Trata-se da exceção: aquela que conduz um diferencial e nem sempre se coloca como importância exclusiva. A diversidade cultural (sexual, ética e religiosa), então, toma fôlego para sair do armário.

Atualmente, a internet aparenta ter sido substituída pelos antigos guetos urbanos e se tornado não só espaço obrigatório, mas adequado, para homossexuais nos seus processos de autodescoberta, em seus contatos sexuais ou amorosos, e na criação de redes de apoio (Cardoso, 2017; Szulk, 2016; Plummer, 2004). O anseio para encontrar alguém para exprimir seus desejos – seja com o objetivo de criar uma relação amorosa, de fazer amigos, ou mesmo de compartilhar dores – induz a internet, através destas infinidades de redes sociais, compartilhamento de fotos e opiniões. Ela, também, faz com que internautas alarguem o papel da sexualidade em sua vida e, sobretudo, na própria forma como se compreendem. No primeiro volume de *História da Sexualidade*, Foucault explorou, em detalhes, o fenômeno histórico que trouxe a sexualidade para o discurso, desde a técnica cristã até a psicanálise. Segundo o autor (1976), o dispositivo histórico da sexualidade se caracteriza pela inclusão do sexo em formas de organização baseadas em uma rede de discursos. Nos dias atuais, não é equívoco afirmar que a internet é um dos meios sociais de controle e divulgação filosófica, no que diz respeito à sexualidade. Nem todo mundo, claro, tem alguma coisa relevante a dizer para todo o resto do mundo, no sentido da indústria jornalística, mas todo mundo tem alguma coisa a dizer para algum público, nem que seja sua família e amigos (MEIRA, 2011).

Bakardjieva (2010) trouxe o termo subativismo para descrever uma forma de preparação cívica entre as pessoas em momentos da vida cotidiana, em que as normas são questionadas, desafiadas e negociadas, em que horizontes morais são aplicados ao mundo social, em que as questões de justiça são levantadas antes de o político vir à tona ou quaisquer ligações com a política sejam feitas. Pode não ser fácil determinar, na prática, quando o subativismo se transforma em política ou se desvia para a política de pleno direito, mas perseguir o desafio vai, sem dúvida, aumentar a sensibilidade para as sutilezas que a participação abrange (DALGHREN, 2011: 10). Atualmente, operamos em espaços híbridos,

onde o *online* e o *off-line* se complementam e as redes sociais são espaços sociais de ação política democrática. Sendo assim, a questão seria identificar fatores e circunstâncias necessárias para que as redes sociais pudessem ser utilizadas como espaços que participam e contribuem para a configuração de esferas públicas contemporâneas.

Hoje em dia, qualquer pessoa com o uso de um smartphone tem a possibilidade de fazer com que sua imagem ou seu discurso alcancem visibilidade planetária e a opinião pública, por definição dividida entre “prós” e “contras”, vê-se unida pelos mesmos objetos de atenção: os mesmos atentados terroristas, as mesmas eleições ou os mesmos discursos preconceituosos replicados na rede (LEVY, 2010).

A relevância das redes sociais na Internet consiste na conexão dos usuários que a usufruem, e não das máquinas em si, sendo estas um meio de interação entre seus usuários. Isto é, conforme Primo (2007), um processo que constitui nas interações entre os envolvidos, não apenas pelas mensagens trocadas e pelos usuários. Sua construção é coletiva e não predeterminada. Refere-se a um processo em desenvolvimento que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos. Essa interação é desenvolvida a partir da participação dos indivíduos e “entre” (interação = ação entre) eles. As redes sociais na Internet permitem que, a partir da análise dessas interações, seja analisado:

“[...] o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada por computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas” (RECUERO, 2009: 24).

### **3.3. O *YouTube*: *youtubers* enquanto formadores de opinião**

O Homem é um ser social e, por isso, formar grupos, dentro da sociedade, acaba sendo inevitável. De acordo com Escorsin (2016) existem quatro tipos de grupos sociais: grupos pessoais (conjunto de pessoas em que o indivíduo se sente bem e a vontade); grupos externos (grupos aos quais as pessoas não pertencem, como: outras famílias, culturas, religiões, entre outras); grupos primários (transmitem sentimento pertencente, caracterizados por grupos pequenos e afetivos); e grupos secundários (contatos sociais impessoais limitados;

o tamanho do grupo não é determinado e as pessoas podem ser substituídas). Estes grupos acabam por influenciar algumas atitudes e comportamentos dos indivíduos dentro da sociedade. Melhor dizendo, as pessoas são influenciadas desde o momento em que nascem, uma vez que pertencem a determinada região, cultura, religião, entre outros fatores. A personalidade também pode ser influenciada pelos grupos sociais:

Seus membros têm condutas mais ou menos parecidas, objetivos em comum e se submetem a normas, símbolos e valores que os tornam parte de um grupo, apesar de manterem suas individualidades. Para haver um grupo social, é preciso que haja uma interação consciente e com um sentimento de unidade, podem vir a se tornar um grupo social (ESCORSIN, 2016: 42).

Dentro destes grupos sociais existem aqueles membros que se destacam. São pessoas ou pequenos grupos cujas vozes tornam-se fortes o suficiente para influenciar os outros integrantes do grupo: são os líderes de opinião. Os formadores ou líderes de opinião são responsáveis por influenciar a opinião pública.

De acordo com Gadini e Woitowicz (2007), há dois tipos de formadores de opinião: os verticais - os quais ocupam posições de alta visibilidade na sociedade pelos meios de comunicação; e os horizontais - quando ainda não têm muita visibilidade, mas influenciam por meio de carisma, sensibilidade, respeito social, entre outras características. Com a popularização da internet, qualquer indivíduo que tenha acesso a ela tem a possibilidade de ser um produtor de conteúdos, e aqueles que, por determinado motivo, conquistam vários seguidores na rede, tornam-se influenciadores digitais. A plataforma de postagem de vídeos *YouTube* abriu portas para que muitas pessoas expressassem ideias criativas, habilidades humorísticas, compartilhassem experiências de vida, ensinassem as mais diversas receitas, mas, sobretudo, para que se posicionassem de forma crítica perante a assuntos que estejam em pauta na sociedade.

Sendo assim, além de formadores de opinião, os *youtubers* também acabam por ser líderes de opinião, influenciando a audiência. Luiz Beltrão discute, no livro *Folkcomunicação* (2001), que a influência de outras pessoas em decisões mais específicas tende a ser mais frequente do que os meios de comunicação coletivos. Já que os donos destes canais

conseguem ter uma relação mais "próxima" com a audiência, a opinião deles torna-se mais influente do que as veiculadas nos meios de comunicação de massa.

O *YouTube* tem como slogan *Broadcast Yourself* termo este que instiga o indivíduo a produzir conteúdo e a tornar-se um ponto de transmissão na rede, para a imensidão de assuntos abordados neste espaço. A plataforma, fundada em 2005, disponibiliza um ambiente para conteúdos audiovisuais diversificados. O termo *broadcast* (traduzido como "transmissão") associa-se à lógica dos meios de comunicação de massa e a sua própria forma de transmissão de conteúdo, a partir de uma origem para os vários receptores disponíveis. No momento em que o *YouTube* se apropria deste termo e acrescenta ao seu slogan a palavra *Yourself* (traduzida como "si mesmo"), cria uma ideia de que o próprio sujeito torna-se um canal de difusão, ou transmissão, para incontáveis receptores.

A relevância social do *YouTube*, atualmente, tem sua justificativa compreendida por meio dos dados de acesso e conteúdo.

De acordo com estatísticas disponíveis no próprio site, mais de um bilhão de usuários visitam o *YouTube* todos os meses e mais de seis bilhões são assistidos, a cada mês, nos inúmeros canais disponíveis (*site YouTube, 2018*). Este canal viabilizou, ao internauta, a possibilidade de se tornar um meio de comunicação, nas postagens de vídeos, dando ao mesmo a permissão de os indivíduos serem formadores de opinião e agregando sujeitos em torno de discussões de temas diversificados. Estes produtores recebem o nome de *youtubers* e reúnem milhões de internautas em seus canais, por meio de inscrições. Os *youtubers* *postam* vídeos de acordo com a frequência que lhes convém, ou mesmo de acordo com os cronogramas propostos para o canal. O conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink, assinatura em canal, ou seja, o conteúdo é completamente público

O fenômeno da plataforma do *YouTube* possibilitou a relativização da televisão, como principal meio de se informar e entreter. Segundo pesquisas da Revista Científica da Universidade de Mogi das Cruzes (2017), os internautas buscam, na internet, o conteúdo que não encontram na televisão, seja nos canais de sinal aberto ou fechado. Assim, os produtores de conteúdo digital foram ganhando força e audiência até se tornarem grandes influenciadores. Cada vez mais, as divisões de público estão sendo segmentados. A geração

Z (nascidos entre 1990 e 2010) é a geração conectada. Esta geração que nasceu já com a internet, está vendo-a crescer.

O *youtuber* não é apenas o produtor da mensagem, mas está, principalmente, em contato direto com os espectadores. Sendo assim, esta relação dentro do *YouTube* é tida como dialogada, uma vez que o produtor e consumidor de conteúdo comunicam-se entre seus títulos e estão profundamente relacionados. Torna-se particular a este meio o diálogo e interação entre produtor de conteúdo e espectador.

A necessidade de o ser humano ser visto e se tornar influente é existente em as sociedades. Entretanto, este fenômeno tornou-se extremamente frequente e significativo por conta da interatividade mediada pela internet e a disseminação de sites de relacionamento. O *YouTube* faz com que as pessoas se sintam à vontade para este intercâmbio de informações. Com a facilidade e a simplicidade da *interface* do site, mesmo os internautas que não se sentem tão familiarizados com a internet conseguem, na mesma, colocar suas produções *online* para serem vistas e avaliadas. O *site* disponibiliza um sistema de nota aos vídeos, compreendidas de zero a cinco estrelas, e de um espaço para que sejam feitos comentários e avaliações do que ali for apresentado.

Sendo assim, este capítulo é o maior ponto desta tese, uma vez que ele dialoga sobre a questão da comunicação/comunicar e suas vertentes, abrangendo a sua eficácia e mecanismo dentro do universo LGBT. O espaço público vem ganhando cada vez mais força no que diz respeito ao ativismo e ao posicionamento dos cidadãos e o meio *online* mostra-se o melhor e mais adequado para estes tipos de expressão.

## Capítulo IV – Análise metodológica

### 4.1 Abordagem metodológica

Para efetivar este estudo, realizamos uma análise empírica, através da escolha de três canais do YouTube, “Mandy Candy”, “Põe na Roda” e “Canal das Bee”, todos eles desenvolvidos por brasileiros e que tratam dos assuntos que englobam o universo LGBT. Para cada canal, selecionamos três vídeos, categorizados com o tema LGBT, que estivessem compreendidos em “mais populares” - ou seja, os que tiveram maior número de visualizações –, no período de abril de 2017 até abril de 2018, com duração entre os 7 e os 12 minutos.

A escolha dos canais baseou-se no número de inscritos e na relevância do tema LGBT. Alguns outros canais, que também tratam deste universo, não têm, predominantemente, o tratamento do tema tão exclusivamente como estes, ainda que sejam produzidos por pessoas LGBT e/ou que trabalhem este assunto.

“Mandy Candy” trabalha no formato de diário digital, em que grava os vídeos sozinha, de frente para a câmera. Ela é a fundadora e única responsável pelo canal. Geralmente, na maioria dos seus vídeos, ela está sozinha, contando suas vivências, curiosidades, histórias, desabafos e demais temas. Noutros vídeos, Mandy recebe convidados que tenham proximidade com os temas ou que sejam eles os sujeitos da temática do vídeo. Ela tem a sua própria vinheta, na qual, salvo exceções, ela não utiliza na edição. Isso acontece quando seus vídeos têm uma carga mais emotiva. Mandy preserva, sempre, uma linguagem acessível, na qual explica tudo com riquezas de detalhes, como se fosse uma “conversa de amigos”. Aliás, este é um dos princípios dela: tratar seus seguidores com a maior informalidade e intimidade. Seu primeiro vídeo foi postado em 18 de junho de 2015.

Já o Canal do “Põe na Roda” tem uma linha muito forte de descontração, humor e pedagogia para tratar dos assuntos que são propostos. Foi criado por Pedro HMC, o qual conta com um currículo de trabalho em outros grandes programas da TV brasileira. Os vídeos deste canal têm um conteúdo crítico e questionador, e preza sempre pela interação com pessoas, seja na rua ou mesmo com convidados. Os ganchos jornalísticos estão sempre presentes, o que torna o canal sempre muito atual. Os vídeos são postados todas as quintas-feiras e domingos. O humor é recorrente, mesmo que o tema seja de um cunho mais melodramático ou mesmo de alguma tensão. Utiliza-se uma linguagem acessível para quem

quer que o assista. As pautas são sempre diversificadas, uma vez que se preocupam sempre em atender todo o universo LGBT. A linha é bem jornalística, já que, comumente, fazem entrevistas com convidados ou vão às ruas para saberem, diretamente, qual é o posicionamento da população sobre determinado assunto. Há uma grande interação e dinamismo neste canal. A edição acaba por ser o maior destaque do canal. Suas edições são carregadas de humor, referências de filmes, músicas e mesmo GIF, que se encarregam por quebrar a tensão ou mesmo de trazer uma maior dinâmica e leveza sobre o que ali é apresentado. O primeiro vídeo postado no canal tem a data de 15 de abril de 2014.

E, por fim, o “Canal das Bee” que tem sua forma bem diversificada, uma vez que seus vídeos são feitos em vários estilos: conversas dos participantes do canal com o público, abordando alguns assuntos específicos; entrevistas com convidados sobre determinado assunto; ganchos jornalísticos em que comentam matérias ou pautas atuais de grande repercussão nacional e mundial. Tentam sempre variar a estrutura de seus vídeos, tornando-os diferentes uns dos outros. O canal tem sua própria vinheta que é composta por um logo desenvolvido para o canal e uma música de fundo. A linguagem utilizada é a mais acessível para qualquer idade. Tratam dos assuntos sem muitos “filtros” ou restrições de temas. O primeiro vídeo postado tem a data de 07 de novembro de 2012, apenas com a vinheta do canal. Já no dia 08 de novembro de 2012, foi publicado o primeiro vídeo com conteúdo para discussão.

Segundo a própria realizadora do projeto:

O projeto de pesquisa “Canal Das Bee: O *YouTube* Como Plataforma Para O Ativismo LGBT” foi a construção colaborativa de um canal no site *YouTube* com vídeos contra a homofobia. O “Canal Das Bee” é hospedado no site *YouTube* e tem um *layout* referente ao conteúdo dos vídeos, não sendo monocromático, pois a cor da luta Gay por igualdade são justamente todas as cores. O “Canal Das Bee” também foi feito por um público jovem, portanto seu *design* é arrojado e atual, dando a ideia de dinamismo, atitude, ação e militância inteligente e bem-humorada. (ou um arco-íris). Uma referência visual para o *layout* do “Canal Das Bee” é o canal da ONG irlandesa “BelonG To” que também luta pelos direitos LGBTs (SOUSA, J. 2012:12).

Para realizar a análise empírica recorre-se à técnica de análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Segundo a autora, a função primordial da análise de conteúdo é o desvendar crítico. Bardin (2011) divide o trabalho de análise de conteúdos em etapas organizadas em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta última é o ponto crucial deste trabalho, uma vez que a interpretação dos resultados traz resposta e argumentações à pergunta principal desenvolvida para o estudo de casos.

Utilizamos uma combinação de técnicas para a análise destes vídeos e canais, como: a questão da hipermídia, da análise multimodal e da hipermodalidade. Segundo Braga (2010), a hipermídia integra o verbal, o visual (imagens fixas, estáticas e vídeos) e o sonoro em todo o seu complexo. Sendo assim, as linguagens do ciberespaço são hipermidiáticas. Dentro deste ambiente hipermidiático, a capacidade de organizar informações é alargada com o uso de várias modalidades e, por isso, a hipermídia é denominada como uma estrutura eficiente de organização da experiência humana em meio digital. Braga reconhece que a hipermodalidade amplia o potencial comunicativo das informações, pois:

As redes hipertextuais permitem uma conexão mais livre entre as informações veiculadas pelas unidades textuais construídas a partir de diferentes modalidades. Esse potencial comunicativo diferenciado pode favorecer a construção de textos e materiais didáticos, já que uma mesma informação pode ser complementada, reiterada e mesmo sistematizada ao ser apresentada ao aprendiz na forma de um complexo multimodal (BRAGA, 2010, p. 182).

Por outras palavras, o que o autor diz é que, havendo uma informação através de diferentes sistemas semióticos, ela pode destacar aspectos para o leitor de modo que seja favorável sua compreensão e aprendizado. Por esta razão, o desafio do produtor de hipertextos é agregar diferentes linguagens de forma complementar, prática e funcional, como assegura Braga (2010), combinando-as a serviço dos quadros e modelos que expressam as intenções da pessoa que os criaram para moldar um ambiente social e cultural. Portanto, o autor passa a ser também um *designer*, uma vez que precisa dominar técnicas que lhe permitam aplicar e combinar em seus textos múltiplas linguagens.

Se tratando do *YouTube*, por exemplo, os usuários não só encontram uma vasta variedade de vídeos sobre um universo de temas, mas também são possibilitados para produzirem e compartilhar suas produções, sejam elas amadoras ou profissionais. Um ambiente para interações entre indivíduos e amplitude de alcance aos temas propostos.

Cada canal tem a sua particularidade. Sendo assim, unificamos uma forma de análise justificada numa grelha, que agrega todos os itens propostos para a coleta dos dados. Ao todo, são treze tópicos, que justificamos como a seguir se explica.

A grelha conta com treze categorias de análise, as quais foram pensadas, detalhadamente, da seguinte forma:

*Tema principal*: descrição do tema central abordado no vídeo, no que diz respeito ao universo LGBT.

*Subtemas*: assuntos secundários que façam ligação ao tema principal.

*Estratégia retórica*: esta categoria busca diagnosticar qual a finalidade para o qual o vídeo foi desenvolvido. Dentro desta categoria, as classificações são:

*Pedagógica* – que busca ensinar quem assiste ao vídeo sobre determinado conceito ali apresentado;

*Apelativa* – a qual procura pedir ajuda para o conteúdo descrito no vídeo;

*Reivindicativa* – a qual clama, claramente, por direitos sejam eles sobre leis até ao direito de fala;

*Acusativa* – que busca denunciar fatos ocorridos de forma ofensiva com LGBT ou que necessitem ser denunciados;

*Humorística* – que traz, de forma marcante, conteúdo cômico;

*Outra* – qualquer outro tipo de característica que não se encaixe diretamente as demais categorias listadas acima, neste item.

*Intertextualidade*: conteúdos que dialoguem com auxílio de outros textos e detectados quando aparecem recortes de jornais, capas de revista ou partes de matérias.

*Atualidade informativa:* quando há ganchos com assuntos que estão sendo transmitidos na mídia tradicional atual.

*Contexto discursivo:* estrutura em que o vídeo é realizado, com relação ao formato pelo qual é feito (monólogo, debate ou entrevista);

*Locutores:* quantidade de pessoas com o poder de voz que aparecem no vídeo.

*Interpelação:* como o vídeo é direcionado, ou seja, se o enunciador fala diretamente com quem o assiste ou se é feito de uma forma mais abrangente; se se verifica um pedido do enunciador para a interação.

*“Vox populis”:* se existe a interação com uma “voz do povo”. Esta categoria aplica-se aos vídeos que são gravados na rua e contêm a participação do público.

*Efeitos visuais e edição:* quando existe a aplicação de mecanismos para quebrar a monotonia do discurso apresenta

*Genérico:* apresentação de um slogan apresentado nos vídeos, seja ele introduzido no começo, meio ou final do vídeo.

*Texto introdutório / Títulos / Legendas:* frases ou textos inseridos no decorrer do material.

*Publicidade:* parceiros que tenham seus produtos ou serviços relacionados ao canal para o qual está sendo anunciado.

**Grelha para análise e coleta de informações dos vídeos selecionados**

<b>CATEGORIAS</b>	<b>RESULTADOS</b>
<i>Tema principal</i>	- Conteúdo predominante do universo LGBT
<i>Subtemas</i>	- Assuntos relacionados ao tema principal
<i>Estratégia retórica</i>	- Pedagógica - Apelativa - Reivindicativa - Acusativa - Humorística - Outra
<i>Intertextualidade</i>	Identifica a existência de uma linguagem intertextual como, por exemplo, excertos de reportagens ou de telenovelas
<i>Atualidade informativa</i>	- Sim - Identificar acontecimento - Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Monólogo - Entrevista - Debate
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Um - Vários
<i>Interpelação</i>	Existência de comunicação direta com o “auditório”; convite a ações específicas como partilhar ou reagir
<i>“Vox Populi”</i>	Entrevistas de rua; como são enquadradas
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Músicas - GIF - Imagens
<i>Genérico</i>	- Sim - Elementos - Não
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim - Elementos - Não
<i>Publicidade</i>	- Relacionada com o canal - Não relacionada com o canal

## 4.3 Resultados

### 4.3.1 Descrição

Para a obtenção dos resultados finais foi aplicada a grelha desenvolvida, conforme descrita anteriormente. O preenchimento da grelha é simplificado e logo abaixo, na “descrição detalhada”, alguns detalhes são descritos para um maior entendimento do que foi feito durante o vídeo e analisado no mesmo.

Segue abaixo, as devidas grelhas preenchidas e as análises feitas durante os vídeos.

**Canal:** Mandy Candy

**Vídeo:** “Um vídeo sobre quando eu vivia como "homem" e hoje como mulher. ”

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=C4ebS2lg6QY&t=5s>

**Data:** 08 de março de 2018

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Transexualidade
<i>Subtemas</i>	- Diferenças entre mulheres cis e trans
<i>Estratégia retórica</i>	- Pedagógica - Apelativa
<i>Intertextualidade</i>	-
<i>Atualidade informativa</i>	- Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Monólogo
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Um
<i>Interpelação</i>	- Curtir - Compartilhar - Comentar - Incredver
<i>“Vox Populi”</i>	-
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Música de fundo - Distorção na voz
<i>Genérico</i>	- Sim O genérico é constituído por um <i>anime</i> (animações feitas em estilo japonês) desenvolvido para ilustrar a Mandy, em que a personagem diz seu nome.
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Não
<i>Publicidade</i>	-

## Descrição detalhada

O vídeo tem um início empolgante com o bordão, de costume, da youtuber (“Oi, gente maravilhosa da minha internet ou nem tão maravilhosa assim”). Após este primeiro cumprimento, Mandy apresenta o tema, no qual será tratado no vídeo e já adianta a possível polêmica, visto o título em que foi nomeado. Para contextualizar quem ela é (no caso deste ser o primeiro vídeo assistido pelo espectador), Mandy apresenta-se como a mulher trans que é e faz uma breve retrospectiva da sua vida, em poucas falas. Recomenda, assim, que assistam ao seu canal para que seja possível entender melhor a sua trajetória. Deixa um link (na parte superior do vídeo, chamado de “card”) com uma *playlist*. Pede a inscrição no seu canal e dá um panorama dos assuntos que são tratados neste seu perfil. Repete um segundo bordão (“quem é do ‘vale’ deixa *like* antes de começar o vídeo”). Cita seu perfil no *Instagram*. É apresentada a vinheta do canal. Dá um contexto sobre sua história e o assunto do vídeo. No meio de sua narração, ela utiliza-se do efeito da distorção da voz, para enfatizar algumas frases. Com humor e intimidade com seus espectadores, faz algumas brincadeiras para dar graça e fluidez ao tema. Novamente, o efeito de distorção da voz é utilizado, a fim de quebrar uma possível monotonia. Detalha algumas frases ditas pela sociedade, sobre o que ouvia antes da sua transição. Descreve os sentimentos vividos na época e coisas que já ouviu. Durante o vídeo, links sobre outros vídeos do canal passam pelo “card”. Repete frases que pessoas defendem e que já ouviu da sociedade. Explica como foi feita a sua transição e tudo o que precisou para que isso acontecesse. Já depois da transição, expõe o que lhe era dito, uma vez que agora já era considerada “menina”. Chama atenção do espectador, usando o vocativo “gente”. Conta os princípios que tinha na época, antes da transição. Avisa sobre os demais vídeos no canal, que trabalharão, mais especificamente, temas explanados durante o vídeo em análise. Enumera algumas diferenças sociais de uma mulher cis e trans. Nos últimos segundos do vídeo, pede aos que estão assistindo que comentem o que acharam, quais são suas vivências sobre o que foi tratado e cobranças sofridas pela sociedade. Pede a inscrição ao canal, aos que ainda não o fizeram.

Mandy, costumeiramente, utiliza-se de uma dinâmica gestual para manter o espectador sempre alerta a sua fala. O seu discurso é carregado de “falácias” da sociedade e desconstrói, a todo momento, frases machista, misóginas e preconceituosas. O seu fluxo de fala é um tanto acelerado, para que seu vídeo não fique monótono. A edição, como descrita acima, tem o efeito da distorção de voz. Trata seu público com a maior intimidade e utiliza-se de um

vocabulário acessível para qualquer faixa etária. Tenta explicar tudo nos seus mínimos detalhes, na tentativa de deixar seus vídeos um tanto “independentes” dos demais do canal, uma vez que este possa ser o primeiro vídeo que assistem do seu canal.

**Canal:** Mandy Candy

**Vídeo:** "Minha tentativa de suicídio"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=lZY-xEF2YHI>

**Data:** 07 de junho de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Identidade de gênero e suicídio - A tentativa de suicídio da <i>youtuber</i> antes de conseguir assumir a sua verdadeira identidade de gênero.
<i>Subtemas</i>	- Livro <i>Meu nome é Amanda</i> (autobiografia escrita por Mandy que conta toda a sua história desde a infância até a fase adulta – pós transição de sexo).
<i>Estratégia retórica</i>	- Apelativa
<i>Intertextualidade</i>	-
<i>Atualidade informativa</i>	- Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Monólogo
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Um
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>"Vox Populi"</i>	-
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	-
<i>Genérico</i>	-
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Não
<i>Publicidade</i>	-

### Descrição detalhada

O vídeo se inicia de forma já melancólica, visto seu título, e a *youtuber* faz questão de deixar isso claro. Diz o seu bordão ("Oi, gente maravilhosa da minha internet ou nem tão maravilhosa assim"). Avisa que não pedirá aos seus seguidores para que se inscrevam, curtam, compartilhem e deixem *like*, uma vez que tratará de um assunto sério, tenso e preocupante. O vídeo foi feito com o intuito de deixar um recado a uma pessoa que lhe escreveu, mas não somente a ela, e sim a todas as outras que já passaram ou passam pela mesma situação. A *Youtuber* conta da carta que recebeu, por intermédio de uma amiga. Durante a leitura, Mandy faz questão de comentar tudo o que ali está sendo relatado e chama a atenção do espectador para algumas palavras/frases enfáticas ali descritas. Após ler toda a

carta, ela faz questão de comentar tudo o que foi relato e contar a sua própria experiência e proximidade com o assunto. Faz um panorama sobre a sua história e confessa que transacionar foi a melhor e a pior época da sua própria vida. A todo momento, a *youtuber linka* alguns tópicos e diz já haver vídeos aprofundados, no canal, sobre determinados assuntos explanados neste vídeo. Cita seu próprio livro. E continua a discorrer sobre como era sua vida antes que a mesma começasse a viver, definitivamente, como Amanda. Descreve seus pensamentos da época. Durante o vídeo, ela trata quem está assistindo sempre por “você”. Dá-se a sensação de proximidade e intimidade e como se a conversa fosse em modo privado com quem assiste. Detalha como foi a sua tentativa de suicídio, tudo o que sentiu e pensou no momento em que tentava tirar sua própria vida. Confessa nunca ter contado isso a ninguém e traça um elo de amizade com quem assiste ao vídeo, uma vez que é a primeira vez que conta isso a alguém. Dá conselhos motivacionais a essa pessoa quem escreveu a carta, sempre carregados de muito carinho e positividade. Já caminhando para o final do vídeo, a *youtuber* muda o ritmo e o tom de voz, visto que durante os sete primeiros minutos, sua fala foi carregada de melancolia e emoção. Faz uma pequena piada, afirmando ao remetente da carta de que aquilo tudo vai passar (“Tudo passa, até a uva-passa”). Brinca com a piada e dá seu primeiro sorriso no vídeo. Por fim, aconselha seus seguidores a procurarem ajuda, sempre que sentirem que têm um problema que não conseguem solucionar sozinhos.

Neste vídeo, Mandy sai um pouco fora do padrão dos demais vídeos de seu canal. O assunto abordado é carregado de tensão e a *youtuber* trata tudo isso com o máximo respeito, tentando sempre que possível aconselhar aos que estão assistindo. Não se utiliza dos efeitos de edição, nem de sua vinheta e nem das frases e bordões fixos em todos os seus vídeos. O vídeo é completamente intimista e se dá a sensação de que ela preza para que quem está assistindo sinta que aquela está sendo uma conversa de amigos e sigilosa.

**Canal:** Mandy Candy

**Vídeo:** "Chorei e desabafei reagindo a Indestrutível da Pablo Vittar"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=-nyGj0ki7kQ>

**Data:** 11 de abril de 2018

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Homofobia/transfobia - Parte-se do clipe da música "Indestrutível", de Pablo Vittar, uma cantora referência aos LGBT brasileiros e internacionais. A música "Indestrutível" tem no seu videoclipe a encenação da história da cantora, em que sofre homofobia/transfobia.
<i>Subtemas</i>	- Bullying
<i>Estratégia retórica</i>	- Apelativa
<i>Intertextualidade</i>	- Sim Trechos de vídeo clipe
<i>Atualidade informativa</i>	- Sim
<i>Contexto discursivo</i>	- Monólogo
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Um
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>"Vox Populi"</i>	-
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	-
<i>Genérico</i>	-
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Suas próprias redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

Novamente, a *youtuber* começa seu vídeo de forma diferente, visto que nele será tratado um assunto tido como emocionante e de alta repercussão. Não há a abertura de costume, nem os bordões usados em todos os seus vídeos. Já nos primeiros segundos, Mandy chama a atenção dos seus seguidores para o vídeo clipe da Pablo Vittar, o qual conta a história de que muitas pessoas trans passaram durante a vida. Este vídeo tem um enorme apelo emotivo. Mandy inicia já emocionada e ambientaliza o espectador sobre a sua história e história do canal. Pede desculpa pela emoção, uma vez que este não é o grande propósito do canal.

Assume não ter tido esse apoio, na época em que passou pela sua transição, apoio este que os jovens que passam pelos mesmos passos podem contar. No decorrer do vídeo, ela faz referência a uma outra mídia utilizada atualmente: o *Twitter*. Comenta sobre casos atuais de homofobia e lê essas matérias em vídeo (gancho jornalístico). Chama atenção para a importância de se conversar e o tornar todos esses problemas públicos, para uma discussão social. Publicita que o vídeo clipe que será assistido neste vídeo e que já foi lançado na plataforma *YouTube* tem como objetivo ajudar a “Casa Um”, uma ONG no Estado de São Paulo que acolhe jovens e adolescentes LGBT que são renegados pela família. Ainda aproveita para deixar as informações para a ajuda da ONG, na descrição do vídeo. Depois de toda esta contextualização, aos cinco minutos de vídeo, Mandy dá um novo início, com o seu bordão. É como se esses cinco primeiros minutos fossem apenas um prefácio de tudo o que seria abordado. Num clima, um tanto quanto mais descontraído, ela começa o vídeo proposto pelo título dado. Deixa claro que o ponto forte do seu canal é o de trabalhar as questões LGBT e lutar contra a homofobia, transfobia e qualquer injustiça feita com pessoas do universo LGBT. Pede a inscrição no canal. Isto posto, dá início ao *reaction* – este termo do inglês é utilizado para todas as vezes que um *youtuber* grava a reação sobre determinado acontecimento, seja de um vídeo da internet, ou sobre um produto, notícia, acontecimento. É uma intertextualidade. Desta forma, Mandy segue assistindo ao vídeo clipe em questão e comenta, ao mesmo tempo, as cenas que vão aparecendo. Relata as mesmas situações já vividas, que estão aparecendo numa segunda tela. Termina o vídeo pedindo desculpa por ter saído, de certa forma, do propósito do canal. Entretanto, deixa claro que sempre que surgirem pautas específicas ou ganchos como este, ela vai tratar destes assuntos em seu canal.

**Canal:** Põe na roda

**Vídeo:** “Sobreviventes do HIV nos anos 80”

**Link:** [https://www.youtube.com/watch?v=2\\_b7y2WWs7E&t=601s](https://www.youtube.com/watch?v=2_b7y2WWs7E&t=601s)

**Data:** 28 de novembro de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- HIV nos homossexuais masculinos nos anos 80
<i>Subtemas</i>	-
<i>Estratégia retórica</i>	- Apelativa - Pedagógica
<i>Intertextualidade</i>	- Sim Trechos de filmes.
<i>Atualidade informativa</i>	-
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Quatro
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>“Vox Populi”</i>	- Sim
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Sim (Músicas, GIF e Imagens)
<i>Genérico</i>	-
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Relacionadas com o canal - Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

O vídeo se inicia com um gancho jornalístico, uma vez que anuncia a série de vídeos que serão lançados, por conta do dia 1 de dezembro (dia mundial da luta contra o HIV). A estrutura apresentada é por entrevistas/depoimentos. Durante todo o vídeo, a edição se utiliza de GIF. Muitas vezes, estes são carregados de humor, os quais dão fluidez e dinâmica ao vídeo. Antes que os depoimentos e a parte principal do vídeo comecem, um dos responsáveis do canal faz um *lead* falado, contextualizando o tema que será abordado para facilitar o conteúdo para quem o assistirá. Já na parte dos depoimentos, os entrevistados contam suas vivências e, amparado aos seus discursos, cenas de filmes que contaram ou tiveram relação com a AIDS são postas no intuito de uma melhor visualização e entendimento do que é dito. Detalhes sobre a doença são explicados e casos reais são descritos, tanto por parte dos entrevistados, como um panorama sobre os famosos da época que também sofreram com a

doença. Imagens já postas na edição, capas de revista para comprovar a polêmica da época. Uma cronologia dos anos 80 é detalhada sobre o que foi o *boom* da AIDS no Brasil. Mostram um lado “otimista” do surgimento do HIV, uma vez que foi o auge da “saída do armário” para a comunidade LGBT. Os entrevistados também dão a sua visão deste lado “positivo” da eclosão da AIDS. Frases de impacto são destacadas durante grande parte do decorrer do vídeo (“Era viado ao seu lado”). Apenam e ensinam os métodos para evitar e remediar o contágio do HIV. *Links* para maiores informações são disponibilizados. Por fim, pedem a descrição, compartilhamento e curtida no vídeo.

**Canal:** Põe na roda

**Vídeo:** "E se seu filho se assumisse cisgênero? (ft. Ariel Modara)"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=IUoFRG994tQ>

**Data:** 12 de outubro de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Cisgênero
<i>Subtemas</i>	-
<i>Estratégia retórica</i>	- Apelativa - Pedagógica - Humorística
<i>Intertextualidade</i>	- Sim Trechos de filmes.
<i>Atualidade informativa</i>	- Não (Ainda que não possa ser considerada como uma "atualidade informativa" é válido ressaltar que a escolha de tema para a feitura deste vídeo foi derivada da abordagem do tema em uma novela da Rede Globo)
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Dezoito
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>"Vox Populi"</i>	- Sim
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Sim (Músicas, GIF e Imagens)
<i>Genérico</i>	-
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Não relacionadas com o canal - Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

Este vídeo é gravado numa externa (fora dos estúdios ou espaços habituais dos demais do canal). É constituído em forma de entrevistas de rua sobre o tema do próprio título. Carregado de muito humor, não só pelas abordagens e respostas, mas principalmente pela edição do mesmo. Pessoas no centro de São Paulo são questionadas pelo assunto "cisgênero". Como habitual, no começo do vídeo, um *lead* sobre o tema que será abordado é feito de forma falada, fazendo gancho com os assuntos de maiores repercussões do universo LGBT atual, *linkando* com cenas e desfechos da novela que está no ar. Citam outros tantos

programas televisivos que passam na TV aberta do Brasil, que já tiveram o assunto como pauta. Relembrem os trabalhos feitos por outros tantos *youtubers* e mesmo pelo próprio canal que já abordou isso tudo em outros vídeos. O grande questionamento é “Será que tanta informação sobre o assunto vem, de fato, fazendo toda a diferença? ”. É exatamente sobre está questão que o vídeo foi feito. Sendo assim, as entrevistas começam com o seguinte questionamento: “Se seu filho (a) se assumisse como cisgênero, qual seria a sua reação? ”. As respostas foram das mais variadas, mas claramente nenhum dos entrevistados sabiam, de fato, o que este termo significa. É por este motivo que acontece o grande humor. As pessoas confundem o termo e já assumem algo de ruim. Nenhum deles questiona o significado do termo e já assumem não serem (cisgênero). Em meio às entrevistas, a edição trabalha a favor de ressaltar, com doses de humor, a ignorância das pessoas com o assunto. Muitos dos entrevistados se apoiam em questões e visões religiosas para darem as respostas. Alguns deles, que provavelmente, foram escolhidos já intencionalmente, até continham uma bíblia em mãos. Na metade do vídeo, um *youtuber* trans aparece na edição do vídeo para explicar o que significa este termo que causa e causou tanta confusão entre os entrevistados. Enquanto ele esclarece, o vídeo acontece numa segunda fase que é a de explicar aos que foram entrevistados o que realmente significa o termo “cisgênero”. Uma explicação das raízes das palavras aparece em uma imagem, no meio do vídeo, explicitando a sua origem do latim (cisgênero e transgênero). Em mais da metade do vídeo, uma das entrevistadas mostra-se consciente do que era perguntado. Responde de forma correta a pergunta e explica o termo. Há também, por parte do *youtuber* que fez a matéria e entrevista de rua e pelo *youtuber* convidado, a explicação da diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. Depois da explicação, o vídeo volta-se a outros entrevistados com a mesma pergunta “sobre cisgênero”, na tentativa de esclarecê-los sobre o assunto. Há citações de outras pessoas que já participaram de vídeos do canal, para explicar, detalhadamente, as questões abordadas (mulher trans e lésbica). Com o intuito de repassar tudo o que foi abordado, o vídeo remete à entrevistada que acertou o significado do termo para que ela explique a seguinte frase que o entrevistador sugere: “homem trans gay”. Ela acaba por se complicar na explicação, mas em suma, mostra-se a par do que ali foi perguntado. No final, o vídeo declara que este assunto só está começando a tomar maior visibilidade agora e assim as pessoas vão se entendendo como realmente são.

**Canal:** Põe na roda

**Vídeo:** "Gays que casaram com mulheres"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=AOeGjpiGrRs>

**Data:** 17 de agosto de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Gays que casaram com mulheres
<i>Subtemas</i>	- Famílias
<i>Estratégia retórica</i>	-
<i>Intertextualidade</i>	- Sim Trechos de filmes.
<i>Atualidade informativa</i>	- Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Quatro
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>“Vox Populi”</i>	- Não
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Sim (Músicas, GIF e Imagens)
<i>Genérico</i>	-
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Relacionadas com o canal - Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

A abertura do vídeo é feita com o texto que contextualiza o assunto que será abordado. Este vídeo é feito na estrutura de depoimentos. Os voluntários começam por contar a história deles de como eram antes de se assumirem. Todos são pais e se assumiram após o casamento e a paternidade. Detalham todos os passos e pensamentos que tiveram antes, durante e depois “a saída do armário”. GIF, músicas e cenas de filmes fazem parte da edição, na tentativa de quebrar a tensão de alguns relatos. Contam os pormenores de suas primeiras relações homoafetivas. A linguagem utilizada é a de maior compreensão para qualquer pessoa, de qualquer idade que esteja assistindo.

**Canal:** Canal das Bee

**Vídeo:** "Homem Bi"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=BzHtixWcsLw>

**Data:** 02 de outubro de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Homens Bissexuais
<i>Subtemas</i>	-
<i>Estratégia retórica</i>	- Pedagógica
<i>Intertextualidade</i>	- Não
<i>Atualidade informativa</i>	- Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista/Conversa
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Dois
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>“Vox Populi”</i>	- Não
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Sim ( <i>making-of</i> )
<i>Genérico</i>	- Sim
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

O vídeo tem o formato de entrevista descontraída. Entrevistado e entrevistador têm uma relação de amizade. A linguagem no vídeo é carregada de frases ditas no mundo LGBT e ambos conversam com naturalidade. A vinheta do canal aparece antes de completar o primeiro minuto. Nestes segundos anteriores à vinheta, é apresentado um pequeno *lead* do que será abordado. As perguntas aparecem de forma explícita. E conforme o entrevistador vai questionando, o entrevistado responde livremente às questões. Ganchos com outros demais assuntos são *linkados* ao decorrer da conversa. Os dois posicionam-se de forma bem descontraída e falam de coisas com naturalidade e sem muito “filtro”. Assim que o entrevistado responde, o entrevistador também se sente à vontade para comentar o que foi dito e contar as suas vivências sobre o que está em pauta. Durante o vídeo, o entrevistado, muitas vezes, preza por deixar afirmações esclarecidas aos que estão assistindo ao vídeo. O vocabulário utilizado é totalmente de uma conversa intimista, sem um cuidado específico para o uso de

palavras tidas como “palavrões”. O gestual físico está presente no vídeo todo e isso torna com que a conversa não seja desgastante.

**Canal:** Canal das Bee

**Vídeo:** "#OrgulhoDeSer: LÉSBICA!"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=1HMM-MP3fpk>

**Data:** 16 de junho de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Lésbicas
<i>Subtemas</i>	- Racismo
<i>Estratégia retórica</i>	- Pedagógica - Reivindicativa - Apelativa
<i>Intertextualidade</i>	- Não
<i>Atualidade informativa</i>	- Sim (Caso de Luana Barbosa – Lésbica assassinada no interior de São Paulo)
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Três
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>“Vox Populi”</i>	- Não
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Sim ( <i>Making-of</i> )
<i>Genérico</i>	- Sim
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Relacionadas com o Canal - Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

Este vídeo faz parte de uma série produzida, pelo canal, intitulada “#Orgulho De Ser”, em que vários assuntos são abordados, nos mais diversos temas do universo LGBT. A sua abertura é constituída de um esquete, com dois personagens principais: a “Sapamadrinha” e o Eduardinho. Cenas típicas de homofobia são mostradas, para que no final seja tirada mais uma conclusão e lição de aprendizagem. Depois desta abertura, uma entrevista/conversa com um convidado acontece. Neste episódio, são duas as convidadas lésbicas: Louie Ponto e Jéssica Ipólito. Jéssica responde à seguinte pergunta: “Você já recebeu assédio de caras?”. Jéssica conta um dos momentos marcantes já vividos. Logo após é questionada sobre “Por que acontece esse assédio?”. A entrevistada dá e explica seu ponto de vista. Já a segunda

entrevistada, Louie Ponto (*youtuber*), aproveita para contar dois momentos dos quais se lembrou sobre já ter sido assediada. A entrevistadora e as duas convidadas discutem sobre a misoginia e o machismo impregnado na sociedade brasileira. Discutem sobre a diferença entre lesbofobia e homofobia. Entram no assunto sobre relação sexual entre duas mulheres cis e conversam sobre os métodos de proteção, neste caso. Falam da pouca informação para este assunto e preocupação com as mulheres lésbicas. A discussão também abrange a questão racial, visto a presença de uma entrevistada negra: “Sapatão branca e sapatão negra: duas realidades diferentes no Brasil? ”. Jéssica explica e contextualiza seu ponto de vista. Louie, por sua vez, comenta como é a lesbofobia que ela enfrenta dentro do seu próprio canal do *YouTube*. Aproveita, também, para comentar dos inúmeros pontos positivos e situações emocionantes que recebe no seu canal. As três discutem ainda sobre os medos que sentem de serem assediadas ou mesmo agredidas, na rua, já que isso vem acontecendo com uma maior frequência nas cidades e Estados brasileiros. Depois de algumas perguntas, um *game* foi feito durante o vídeo, em que uma das convidadas rodou uma roleta para receber uma pergunta de alguma pessoa de dentro da comunidade LGBT. Comentam sobre os problemas que ainda precisam ser cuidados, mas também falam do aumento da representatividade do meio lésbico, principalmente, por conta da internet. Já ao fim da entrevista, a entrevistadora cita o nome de Luana Barbosa (lésbica que foi morta por policiais, pelo simples fato de ser lésbica). Aqui acontece um gancho jornalístico. O vídeo finaliza-se com o desfecho do esquete que fez a abertura. O personagem principal mostra ter aprendido sobre o que foi dito no vídeo. Entretanto, solta uma outra frase clichê homofóbica ou mesmo que atinja de uma forma negativa os LGBT. Essa frase é o que dará gancho para o próximo vídeo da série, com outro tema e outro convidado.

**Canal:** Canal das Bee

**Vídeo:** "Afetividade da mulher negra e lésbica"

**Link:** <https://www.youtube.com/watch?v=pD1zNpMg240>

**Data:** 01 de junho de 2017

CATEGORIAS	RESULTADOS
<i>Tema principal</i>	- Mulher negra e lésbica
<i>Subtemas</i>	- Racismo
<i>Estratégia retórica</i>	- Pedagógica - Reivindicativa - Apelativa
<i>Intertextualidade</i>	- Não
<i>Atualidade informativa</i>	- Não
<i>Contexto discursivo</i>	- Entrevista/Conversa
<i>Locutores (fixos e convidados)</i>	- Dois
<i>Interpelação</i>	- Comunicação direta com o espectador
<i>"Vox Populi"</i>	- Não
<i>Efeitos visuais e Edição</i>	- Não
<i>Genérico</i>	- Sim
<i>Texto introdutório / Títulos / Legendas</i>	- Sim
<i>Publicidade</i>	- Relacionadas com o Canal - Redes sociais ( <i>Facebook, Instagram e Twitter</i> )

### Descrição detalhada

O vídeo começa de forma descontraída e carregada de humor. A entrevistada é muito carismática e falará sobre a afetividade da mulher negra e lésbica. A vinheta do canal aparece, na mesma estrutura em que o canal, comumente, faz suas edições (pequena abertura do que será dito e do convidado (a) e a seguir a vinheta). A primeira questão gira em torno do racismo e movimento lésbico. A convidada (Bianca), claramente, domina o assunto para o qual foi convidada a falar. Cita coisas que acontecem ou já aconteceram dentro da questão das negras no movimento lésbico. Aponta as dificuldades das negras em se relacionar com mulheres brancas e de serem vistas. Ainda solta a seguinte afirmação: "Dentro no movimento negro, somos lésbicas; já dentro do movimento lésbico somos negras". Deixa claro o não espaço da mulher tida como lésbica e negra. Durante todo o vídeo a entrevistada lança questões e possíveis pautas para outros vídeos, na tentativa de que consigam aprofundar em

todo esse universo. Ela reforça a questão de “não-lugar”, na vida da mulher negra e lésbica. Bianca domina muito bem o que fala e diz tudo com muita propriedade. Sua fala é carregada de exemplos, os quais facilitam o entendimento de quem a ouve/assiste. Assinala, também, como é o relacionamento de duas mulheres negras, visto que ambas precisam lutar, com mais força ainda, sobre todas as questões sociais e de racismo. O seu discurso é sempre de questionar a sociedade e visto a sua dominação pelo assunto é aconselhada pela entrevistadora a criar um canal no *YouTube* em que ela possa discutir, mais livre e diretamente, todas essas questões. Bianca também fala sobre a questão econômica e de ser lésbica nestes diferentes espaços. Reforçando o aconselhamento, a entrevistadora diz, novamente, para a entrevistada criar um canal e até lança uma mobilização em que pede para quem está assistindo comentar “Bianca, cria essa buceta”. O vídeo acaba com ambas se despedindo do público, em tom de descontração.

### 4.3.2 Discussão

O principal foco desta pesquisa, que se baseou em compreender como o ciberativismo LGBT se estrutura através dos canais do *YouTube*, percorre, resumidamente, as categorias: estratégias de linguagem, narrativa e formato – entre outras descritas detalhadamente ao longo das análises.

A partir de uma análise qualitativa estudamos nove vídeos, de três canais do *YouTube*, pertencentes ao mundo LGBT. Os canais, ainda que escolhidos pelo número de inscritos, também foram selecionados a fim de abrangerem todo o universo “arco-íris”.

O canal “Põe na roda”, dos três canais selecionados, é o que mais diversifica o formato dos seus vídeos postados. Entrevistas de rua, notícias em formato de telejornal, *lives*, bate-papos com convidados em estúdio são exemplos dos modelos empregados pelo canal para variar seus vídeos. A “Mandy Candy” já segue a linha de um discurso mais monólogo em frente à câmera, fazendo de seu canal quase que um diário *online*, num registo confessional e pessoal. A singularidade do canal e do enlace com os seguidores baseia-se no carisma e capacidades narrativas da autora. E por fim, o “Canal das Bee” oscila entre os dois canais citados acima. Por vezes, utilizam-se de um formato menos dinâmico, em que convidam pessoas a falarem sobre determinado assunto, dentro do estúdio do canal; e em outras, valem-se de encenações e criações de esquetes para diversificar a forma como o conteúdo será apresentado ao público. Enquanto o “Põe na Roda” são raros os vídeos em que uma única pessoa está à frente da câmera, nos demais canais isso ocorre com mais frequência.

Os vídeos selecionados foram baseados pelo critério de maior número de acesso e, juntamente a isso, conseguimos selecionar vídeos que abrangessem diversificados temas, como: transexualidade, bissexualidade, educação sobre identidade de gênero e orientação sexual, lésbicas, sexualidade e racismo, sexualidade e DST, entre outros apresentados durante as análises.

As temáticas dos vídeos foram sempre bem polêmicas ou mesmo diretas de acordo com os assuntos abordados, como: “Um vídeo sobre quando eu vivia como ‘homem’ e hoje como ‘mulher’ ”, “Gays que casaram com mulheres”, “Homem Bi”.

Os títulos dos vídeos também são fatores de relevância – se não o mais considerável – quando se analisa as estratégias de visualização dos canais. Existe, também neste ponto, uma sistematização quanto ao uso de títulos chamativos, os quais despertam a dúvida, interesse ou curiosidade que mexem com questões, sabiamente, populares dentro da comunidade LGBT. Um exemplo de títulos chamativos é “Um vídeo de como eu vivia como ‘homem’ e hoje como ‘mulher’” – um título deste estilo chama a atenção do internauta e puxa por sua curiosidade em saber como era, como foi e como se tornou, os sentimentos, os medos, angústias, alegrias, entre tantas outras dúvidas. Curiosidades estas que apenas quem passou saberá relatar e a youtuber dedica-se a isso. Ou seja, quando os títulos dos vídeos trazem palavras como: suicídio, HIV, cisgênero, lésbicas e outras palavras e termos do meio, os indivíduos se interessam para conhecer os assuntos que serão discutidos. Tencionamos por nos interessar por assuntos que não são tão expostos, sendo ou não emergentes deste universo. Este recurso é o mais poderoso truque para ampliar o número de visualizações e, por consequência, de seguidores e inscritos para os canais. A explícita divergência que o vídeo traz, além de outros fatores, é uma referência visual, que, tradicionalmente, assimilamos ao *glamour* e sucesso da televisão. Particularmente na adolescência, momento este em que os indivíduos se preocupam demasiadamente com a sua imagem – mas, não só – a autoimagem e noção de pertencimento tornam-se algo tão necessário.

Quando analisamos questões técnicas dos canais é possível concluir que há uma similaridade entre as produções viabilizadas por eles. Ainda que em alguns vídeos traga uma pessoa (ou mais de uma) falando em frente à câmera, é necessário olharmos, de forma analítica, para como esta mensagem é passada e transmitida. Um vídeo que tenha imagem e som de qualidade somado a um cenário minimamente construído e preparado poderá ter maiores chances de engajamento e visualização.

Os canais do *YouTube* são feitos por indivíduos que têm e estabelecem relações que podem ou não, como é certo, traduzir-se na produção de conteúdos interligados. Concluimos que este ponto pode ser denominado como métodos sociais e de relacionamento, com a finalidade de mensurarmos como o ativismo LGBT se estrutura no *YouTube*, por meio da soma de esforços dos diferentes canais e atores que ocupam este mesmo espaço. Em harmonia com Castells (2013) é através do companheirismo que o medo pode ser superado e uma esperança surgir. Quando trazemos esta visão para as vivências da comunidade LGBT, que é constituída por pessoas que são, em maior ou menor escala, rotuladas na sociedade

(BECKER, 2003-2019) e têm seus modos de vida, seus corpos, desejos, sentimentos e atitudes atravessados por julgamentos sumários de uma formação social que prima por comportamentos heteronormativos, conforme destaca Silva (2014). Foi possível analisar também que os canais LGBT do *YouTube* estabelecem interações com outros canais, através da participação de diferentes criadores de conteúdo em seus vídeos.

Destacam-se as estratégias retóricas pedagógica, reivindicativa e apelativa, como exemplos: quando o vídeo esclarece termos do universo LGBT; quando o *youtuber* retrata em seu vídeo uma vivência traumática que teve; nas entrevistas de rua. Por conseguinte, se as estratégias reivindicativa e apelativa sugerem um propósito mais ativista, a transversalidade da estratégia pedagógica revela o objetivo de explicação e desconstrução de preconceitos sociais.

Outro ponto significativo desses canais e vídeos é que angaria esta perceptiva audiência entre seus espectadores é o humor. Humor este que tem como finalidade não tirar a importância do que ali é falado, mas com o objetivo de tratar do assunto de forma mais leve, mais dinâmica e descontraída. Seus roteiros são, muitas das vezes, engraçados e tratam do universo LGBT com leveza, sobretudo, para quem está fora deste âmbito. Em uma era de discussões infinitas sobre o limite e tenuidade do humor, do gênero “é impossível fazer piada sem ofender”, estes *youtubers* provam que é sim possível ser divertido, falar de um tema sensível e, ao mesmo tempo, conscientizar a população de discussões necessárias para o meio social.

Por conseguinte, é preciso ir além da simples concepção de que estes canais analisados se focam apenas no ativismo, embora esta finalidade seja estruturante na filosofia subjacente à sua criação. Por outro lado, há um equilíbrio entre “falar para dentro” – que se determina por um conjunto de fatores e mecanismos pertencentes à comunidade LGBT, como: vocabulário, linguagem, *links*, imagens/músicas ou referências que façam parte deste universo -, visando-se, em primeiro lugar, que a comunicação e a interação alcancem uma comunidade específica; e um “falar para fora”, para outros indivíduos e grupos sociais com um envolvimento menos intenso e interessado e, por isso, mais desconhecedor destas matérias.

Em paralelo a configuração dos vídeos, outro tópico destacável é a linguagem utilizada pelos canais para a disseminação da mensagem. Conseguimos afirmar que há uma

uniformidade quanto à linguagem, uma vez que esta é direta e sem autocensuras e que se direciona, exclusivamente, aos espectadores que fazem parte da comunidade. O vocabulário é enfatizado ao público LGBT, o qual acabou por desenvolver um dicionário próprio que unifica os assuntos relevantes ao universo arco-íris. Termos e expressões como: “rola”, “pepeca”, “pinto”, “poc”, “fazer a chuca”, “passar cheque”, “dar a Elza”, entre uma infinidade, aparecem quase que na totalidade dos vídeos destes três canais, o que facilita e limita o assunto a um público específico, por isso a referência anterior com os termos “falar para dentro” e o “falar para fora”. Sendo assim, esta linguagem serve como canal de entrada para demais vídeos e estabelece uma aproximação entre público e conteúdo produzido. Como outras linguagens grupais, é uma forma de através de linguagem cifrada evitar que pessoas de fora entendam conversas mais íntimas dos próprios homossexuais (MOTT, 2006:54). De acordo com Fischer (2008: 207), no Brasil boa parte do vocabulário utilizado pela comunidade LGBT está conectado com os elementos da cultura local e global. A linguagem utilizada no cotidiano da comunidade LGBT é o resultado da mixagem de três línguas: o inglês, o português e de uma língua de origem africana, que em união resulta em um código secreto que possibilita a interação, o diálogo e a resistência de um grupo

Pontos cruciais foram exaltados durante este estudo, principalmente, no que diz respeito ao poder do espaço público. Particularmente, visto o objeto de análise deste trabalho, a internet ganha uma força e deixa livre um ambiente de fala, posicionamento e destaque não conquistados antes. Ainda que a censura esteja presente em qualquer que seja a forma de expressão dos indivíduos, o meio online disponibiliza um espaço que antes não era concebido para que as minorias pudessem se expressar. No que diz respeito aos vídeos analisados conseguimos perceber alguns fatores esclarecedores. O *YouTube* tornou-se, atualmente, um espaço de desabafo do público em geral. O *site* proporciona aos cidadãos comuns tornarem-se influenciadores, capazes de relatar, publicamente, seus desabafos e narrativas que não encontrariam em seu cotidiano (LAGHANI, 2010), resultando, assim, num meio rico de autoexpressão de massa (CASTELLS, 2003; CARDON, 2012). Assuntos tidos, muitas vezes, como tabu são abrangidos e expostos, tanto para o conhecimento de indivíduos, mas também como forma de informação e esclarecimentos. Com relação ao meio LGBT, essa afirmação é comprovada pelas análises obtidas.

Ainda que o Brasil seja um país mais aberto a discussões sobre questões do universo LGBT, a mídia “tradicional” brasileira (televisão, rádio e jornais impressos) boicota pautas no

que diz respeito à esclarecimentos e questões sobre sexualidade. Esse boicote achou um caminho de ser discutido e ensinado no meio *online*, já que as pessoas se sentem mais à vontade para se posicionar, umas com suas verdadeiras identidades; outras com perfis *fakes* ou no anonimato.

A partir dos vídeos analisados conseguimos ter, como base, um problema central para todas as discussões: o machismo/heteronormatividade. Não só nestas análises, mas em grande parte dos problemas enraizados, sobretudo, no que diz respeito aos LGBT, a questão gira em torno do machismo que se deriva a heteronormatividade. No que diz respeito às discussões sobre os direitos LGBT, o debate está diretamente relacionado ao entendimento enraizado, historicamente, de que existe uma “hierarquia das sexualidades”, ou seja, que há uma norma heterossexual e outra forma desviante (RUBIN, 2003: 157-209). Em conformidade com Borrillo (2009), a homofobia é a atitude hostil aos sujeitos homossexuais podendo ser manifestada em duas dimensões: como rejeição a uma pessoa específica ou enquanto condenação da própria homossexualidade “como fenômeno” (BORRILLO, 2009, p. 17). Se, de acordo com Silva (2014), a mídia de massa é centralizada em decisões masculinas e destacada pelo padrão heteronormativo, é no espaço digital que esta monopolização é descentralizada por uma diversidade de atores que produzem conteúdos sobre suas vivências e sobre a de seus semelhantes. O padrão masculino midiático é reflexo de uma sociedade fundamentada na “dominação de uma classe sobre a outra” (BOURDIEU, 1998) fomentando processos que chegam à submissão e a sujeição (FOUCAULT, 2014). A mídia não foge à regra e, numa via de mão dupla, sustenta-se de uma visão masculina da sociedade e a alimenta desta mesma forma. O pensamento socialmente imposto acarreta em marcas e opressões nos indivíduos e dele resulta-se a intolerância, desrespeito e incompreensão ao mundo arco-íris. Isto posto, o papel dos *youtubers* aqui analisados é o de levar a informação e esclarecer questões desconhecidas ou mal compreendidas pela sociedade em geral.

Os sites de cultura colaborativa, neste caso o YouTube, demonstram uma necessidade de modificação na forma massiva e hierárquica do uso midiático, exemplificando o pensamento de Jenkins em que “as audiências [...] estão exigindo o direito de participar no âmbito da cultura” (2006: 24). Este mesmo site permite que os sujeitos transexuais, travestis, transgêneros e os demais recortes dentro do universo LGBT, participem ativamente no processo de construção cultural contemporânea (RAUN, 2010), além de se configurar como um novo ambiente de representação e protagonismo.

Com o acesso a novos espaços, como nas redes sociais, populações excluídas conseguem uma possibilidade de voz inéditas no campo das comunicações, tendo grandes alcances, reforçando seu protagonismo no processo representacional e movimentando o imaginário social. O ciberespaço está em destaque no processo de protagonismo representacional das minorias sociais, uma vez que se trata de uma plataforma comunicacional descentralizada e acessível. Sendo assim, a presença de pessoas do universo LGBT, no ciberespaço, assim como em qualquer outro lugar, é de suma importância para que interações sociais sejam criadas e entendidas. Contando com as relações humanas cada vez mais mediadas pela tecnologia, as redes ocupam um papel de centralidade no processo de representação.

Hoje, isso é mais clarificado à sociedade, mas há anos, quando se falava do mundo GLBT/LGBT, a associação feita era, diretamente, aos gays e lésbicas. Quando muito, lembrávamos dos travestis e bissexuais. Atualmente, os transgêneros vêm conquistando uma visibilidade muito maior e ocupando a cena dos assuntos LGBT. E, não só, mas outras variações de gêneros e orientações sexuais aparecem e tornam-se, gradativamente, mais visíveis e empoderadas.

Conseqüentemente, o internauta tem o direito e a liberdade de escolher o conteúdo que deseja ser acessado, variando dentro das diversas vertentes analisadas neste estudo e desvendando outros tantos aspectos que lhes mais interessem, no incessante dilúvio informacional emitido no ciberespaço.

## Conclusão

A história da homossexualidade, sobretudo, no que diz respeito ao Brasil vem ganhando mudanças memoráveis para a trajetória deste assunto no país. Em meio a tantas lutas, mobilizações e protestos, a população conquista, a cada dia mais, seu espaço para: falar, reivindicar, discutir e debater seus direitos. Muitas vidas são perdidas no meio desta trajetória. Uma morte não mais é posta “debaixo do pano”, esquecida, abafada, descontextualizada. Os brasileiros “gritam”, lembram-se e relembram-se a todo momento dessas injustiças. Nada mais cai ao esquecimento.

A necessidade das pessoas por informações tem sido caracterizada, crescentemente, como imediatista, e a comunidade LGBT acumula energia e envolvimento, alimentada pela dor da discriminação. É neste momento em que a população se utiliza da rede para pressionar o Congresso Nacional, o setor público e a sociedade para a aprovação de políticas públicas que garantam o direito de cidadania da comunidade LGBT. Exigem por respeito e criminalizam qualquer tipo de discriminação fomentada pela intolerância das diversificadas identidades de gênero e/ou orientações sexuais.

O ciberespaço tem modificado, substancialmente, as formas de relacionamento da sociedade, sobretudo, dos indivíduos no meio em que estão inseridos. Mesmo que o acesso à internet, no Brasil, não seja considerado como uma distribuição igualitária, ainda assim, o seu efeito e alcance proporcionam uma maior autonomia garantida pelos novos modelos de comunicação, com perspectivas mais democráticas e inclusivas comparadas aos meios tradicionais de comunicação. Os grupos mais periféricos, politizados e engajados têm conquistado cada dia mais espaço e visibilidade para seus semelhantes e divergentes, até mesmo nos veículos tradicionais, por conta das suas audiências na *web*.

Com a chegada do *YouTube*, em 2005, a concepção da construção de uma possível aldeia global passou a ganhar não só força, mas vida. Através do site, classes menos favorecidas ganharam força, voz e notoriedade, como emissores de uma cultura popular e democrática. Líderes, ou aqui chamados, *influencers* (influenciadores) são aqueles que conquistam espaço de destaque entre os participantes/seguidores/espectadores. Nesta condição, são eles quem produzem imagens audiovisuais e também possuem familiaridade com a Internet e suas ferramentas.

A escola continua a ser, para bem e para mal, o principal veículo de formação e informação, uma vez que a base da educação é a grande influenciadora de como os indivíduos encararão certas problemáticas, e ela quem auxiliará as crianças e adolescentes a discernir suas opiniões. Quando associada a imagem dos influenciadores LGBT, com a sua importância e carga social, afirmamos que são eles os atuais dirigentes da formação e informação, não só da comunidade LGBT, mas, sobretudo, da sociedade em si. Ainda que as pautas da comunidade LGBT atraiam, significativamente, pessoas que se consideram partes integrantes deste universo, a sociedade, em sua totalidade, também tem acesso a todo este conteúdo. Os canais analisados nesta pesquisa nos mostram exatamente isto. Não somente os *youtubers* dedicam-se a educar e esclarecer assuntos aos que façam parte do grupo, mas também a qualquer tipo de pessoa que se interesse em se informar sobre as pautas selecionadas.

Dentro destes canais, diversos temas são tratados e explicados, valendo-se de uma linguagem acessível para que qualquer que seja o público consiga absorver, com êxito, o que ali é trabalhado. Quando tratam de assuntos pessoais e contam sobre suas intimidades, o internauta, imediatamente, sente-se próximo a quem está do outro lado da tela, estreitando assim, a uma relação de intimidade com o público e fidelidade. Os *youtubers* se utilizam de técnicas de edições e efeitos especiais em seus vídeos, para que a dinâmica seja de melhor forma trabalhada, atraindo seus espectadores e conquistando, cada vez mais, um maior número de seguidores. Dos canais analisados, todos eles interagem diretamente com o público, em seus vídeos, fator determinante na conquista de espectadores fiéis e assíduos. Uma vez que o público é conquistado, imediatamente, mais seguidores são obtidos, visto que o *marketing* “boca-a-boca” é a melhor ferramenta para este meio. Por isso, as grandes preocupações dos *youtubers* estão em: ganhar inscrições, terem seus vídeos compartilhados, receberem “curtidas” e comentários, em cada publicação feita.

É possível afirmar, com base no mapeamento dos canais e em todo o conteúdo produzido, que o ativismo LGBT e o debate sobre assuntos que permeiam o universo arco-íris estruturam-se nestes canais do *YouTube* através de narrativas de enfrentamento dominantes, de conteúdos que visibilizam temáticas LGBT. Colocam gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais, pessoas trans, não binárias, *queer* em frente às câmeras para que relatem suas vivências, estigmas, dores, medos, vitórias pensamentos e necessidades. Se a mídia de massa se estrutura de um processo heteronormativo e masculinizado que determina

o que é notícia e o que pode ou não ser falado aos espectadores, conforme afirma Silva (2014); nos canais LGBTs do *YouTube* há a elaboração e oportunidade de uma ampla diversidade de vozes que falam e ouvem, discutem, informam, esclarecem e interagem, confirmadas nas análises realizadas nesta tese. A centralidade decisiva do jornalismo dos grandes veículos é aqui interceptada por uma pluralidade de vivências, orientações sexuais, identidades de gênero, cores, estilos, crenças e credos, gostos e espaços frequentados de diferentes formas. Esta pesquisa se ocupou de dimensionar a indispensável produção de conteúdo de canais LGBTs no *YouTube* tendo em conta uma lista de fatores.

Ao fim, podemos concluir que, sim, o estudo da produção desses vídeos é latente e crescente, juntamente ao seu consumo. Os inúmeros tipos de interação estabelecidos entre os canais demonstram, também, que há um cenário crescente de respeito aos locais de fala e da hegemonia das narrativas sendo feitas por quem, realmente, as protagoniza. Consequentemente, a popularização de conteúdos tem outro ganho, além do lugar de fala que é: a aproximação de determinados conteúdos a um público que talvez não a procurasse de maneira ativa. Por outras palavras, quando um canal focado, essencialmente, ao público gay pauta temáticas trans ou lésbicas, por exemplo, é muito provável eu gays cisgêneros assistam ao vídeo.

Enfim, este trabalho trouxe uma reflexão específica sobre a expressão e representação simbólica dos temas associados ao universo LGBT em espaços públicos alternativos proporcionados pelo desenvolvimento do ciberespaço. Trata-se de um contributo, não sendo naturalmente possível esgotar a problemática. A continuação desta pesquisa é completamente aceitável e almejada.

## Bibliografia

(Acesso online: <https://www.institutophd.com.br/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/> - acesso em 16 de março de 2018)

(Acesso online: <https://br.mundopsicologos.com/artigos/diferencas-entre-sexo-orientacao-sexual-e-genero> - - acesso em 20 de março de 2018)

(Acesso online: <https://sexandgenderintro.com/> - acesso em 22 de março de 2018)

(Acesso online: <https://veja.abril.com.br/ciencia/7-conquistas-e-um-grande-desafio-dos-lgbt-nos-ultimos-20-anos/> - acessado em 23 de março de 2018)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS E TRANSGÊNEROS. (2006). Resoluções do I Congresso da ABGLT: avanços e perspectivas. Curitiba.

BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.

BETIOLI, Antonio Bento. (2011) *Introdução ao Direito*. São Paulo: Saraiva, lições I e II.

Born to Be Gay – (2006) História da Homossexualidade, William Naphy, Edições 70.

BRAGA, D. B. A (2010) comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Cortez, p. 175-197.

BRASIL. (2006) Ministério da Educação. Secad. Instruções para Apresentação e Seleção de Projetos de Formação de Profissionais da Educação para a Promoção da Cultura de Reconhecimento da Diversidade Sexual e da Igualdade de Gênero. Brasília. Disponível em: Acesso em: 10 abr. 2011.

BRITZMAN, Deborah. (1996) O que é esta coisa chamada Amor – Identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, v. 21, p. 71- 96, jan/jun.

BUTLER, Judith. (1993) *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York/London: Routledge.

\_\_\_\_\_. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York/London: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. *Gênero, Trajetórias e perspectivas*. In: *Cadernos Pagu*. Trajetórias do gênero, masculinidades. No.11. Campinas:Pagu, 1998<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

CASTELLS, Manuel. (2013) *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Zahar.

CONDE, Michelle Franco Conde. (2004) *O Movimento Homossexual Brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania*. 2004.KLKL Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiás.

\_\_\_\_\_. *de identidades coletivas nos anos de 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (2010) *Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana*. ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Gênero – Pagu*. Campinas, n. 15, 2000.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção*

FACCHINI, Regina. (2005) *Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990*. Rio de Janeiro: Garamond.

FERRARI, Pollyana. (2015) *A Força das Mídias Social. Interface e Linguagem jornalística no ambiente Digital*. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo. Estação das Letras e Cores.

FERRARI, Anderson. (2004) *Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo*. *Revista Brasileira de Educação*, v 25, p. 105-115, Jan /Fev /Mar /Abr.

FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). (2007) Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: EdUEL. p. 101-102.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (2007) Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade. Londrina: Ed. UEL.

FRANCO, Neil. (2009) *A diversidade entra na escola: Histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GREEN, James N. (2000). Mais amor e mais tesão: A construção de um movimento de gays, lésbicas e travestis. Cadernos Pagu. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Campinas, n. 15.

GREEN, James. (1999) Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: EdUNESP. p. 51-118.

GREEN, James N.; TRINDAD, Ronaldo. (2005) Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: EdUNESP.

GREEN, James N.; PÓLITO, Ronald. (2006). Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olimpio.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 159-181.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). (1999) *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes.

LOURO, Guacira Lopes (Org.).(1999). *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes.

MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam P; UZIEL, Anna Paula. As escolas e as filhas de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil.

MOITA, M. C. (2006), Formação Pessoal e Social na Educação de Infância: Interrogações e perspectivas. Conferência proferida no IV Congresso da Texto Editora.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

\_\_\_\_\_. O Amor Entre Iguais, Humberto Rodrigues, Mythos, 2004

OLIVEIRA, Rosa Maria. Fronteiras Invisíveis: Gêneros, Questões identitárias e Relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil. Revista Bagoas, n. 4, p. 160-172, 2009.

PARKER, Richard. Abaixo do Equador. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002. REIS, Toni. O movimento homossexual.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Multimodalidade e Construção de Sentidos no Meio Digital. Disciplina. Universidade Estadual de Campinas/IEL: Campinas, SP. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. (Anotações de aula, durante explanação do Prof. Dr. Petrilson Pinheiro). 1º sem., 2013.

REALE, Miguel. *Lições Preliminares de Direito*. São Paulo: Saraiva, cap. III a V.

SARMENTO, M. J. (2006). A Construção Social da Cidadania na Infância. Conferência proferida no IV Congresso da Texto Editora. Setembro de 2006.

SILVA, Marcia Veiga da. (2014). Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Série Jornalismo a Vigor. V. 8. Florianópolis: Insular.

TREVISAN, João Silvério. (2007) Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Ed. Record.

WEEKS, Jeffrey. (1999) O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

XAVIER, Antonio Carlos. (2009). A era do hipertexto: linguagem e tecnologia. Recife: Editora Universitária/UFPE.